

issn: 2176-5960



# Προμηθεύς

## journal of philosophy



n. 42 maio - agosto de 2023

### A RELAÇÃO ENTRE O MOVIMENTO DE CORRUPÇÃO DO *KOSMOS* E AS EMOÇÕES NO ESTOICISMO

Joelson Nascimento<sup>1</sup>

**RESUMO:** Sêneca, em sua *Epístola* XC, atribui a Possidônio a tese de que houve um momento na história humana no qual todos eram felizes por ter a natureza como principal fonte de sobrevivência, enquanto os recursos artificiais eram valorizados pelo seu uso e não por sua posse e sua ostentação. Um momento no qual humanos sábios detinham o poder político autorizado por pessoas igualmente virtuosas. Uma época inicial do *Kosmos* denominada *A Era de Ouro* (*saeculo quod aureum*). No entanto, Sêneca discorda de que nessa época havia humanos sábios, por essa ser uma característica propiciada pelo uso da Filosofia, ferramenta dispensável para um período em que a virtude não era um conhecimento acerca do bom, do mal ou do indiferente. Todavia, com o envelhecimento do Universo, o comportamento humano foi dominado pelos vícios desenvolvidos pelo uso exacerbado de elementos e técnicas não essenciais para a vida. Um uso que transformou irmão em inimigos, homens necessitados em ladrões. Ora, se a juventude do *Kosmos* coincide com a existência de humanos virtuosos, seriam os vícios sinais de seu envelhecimento? Se afirmativo, teria o movimento de corrupção que leva à *ekpyrosis* alguma influência no comportamento humano?

**PALAVRAS-CHAVE:** Sêneca, Emoção, *Ekpyrosis*, Era de Ouro.

**ABSTRACT:** Seneca, in his Epistle XC, attributes to Posidonius the thesis that there was a time in human history when everyone was content to have nature as the main source of survival, while artificial resources were valued for their use and not for their possession and ostentation. A time when wise humans held political power authorized by equally virtuous people: a time called Golden Age (*saeculo quod aureum*). However, Seneca disagrees that there were wise humans at that time, as this is a characteristic provided by the use of Philosophy, an expendable tool for a period in which virtue was not knowledge about what is good, evil or indifferent. However, with the aging of the Universe, human behavior was dominated by addictions developed by the exacerbated use of non-essential elements and techniques for life. A custom that turned brothers into enemies, men in need into thieves. Now, if the youth of the *Kosmos* coincides with the existence of virtuous humans, would vices be signs of aging? If so, would the corruption movement that leads to *ekpyrosis* have any influence on human behavior?

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela UFBA; Professor efetivo de Filosofia do IFS; Pesquisador do Viva Vox (Grupo de Pesquisa em Filosofia Clássica da Universidade Federal de Sergipe) e do GPSET (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Sociedade e Políticas públicas do Instituto Federal de Sergipe).

**KEYWORDS:** *Ekpyrosis*, Emotion, Stoicism, Golden Age.

## 1.0 A Constituição do *Kosmos*

Deus é um e o mesmo que Razão, Destino e Zeus; Ele também é chamado por muitos outros nomes. No começo ele estava por si mesmo; Ele transformou toda a substância através do ar em água, e assim como nas gerações animais a semente tem um veículo úmido, na umidade cósmica Deus, que é a razão seminal do Universo, fica na umidade como agente, adaptando a matéria a si mesma tendo em vista o próximo estágio da criação. Logo após, ele criou primeiro os quatro elementos: fogo, água, ar, terra<sup>2</sup>.

No estoicismo, o se constitui a partir da expansão de uma substância primordial, o Fogo artífice, que, tendo à sua volta o espaço vazio, traz consigo dois princípios (*archai*): o ativo (*to poion*) e o passivo (*to paschon*). A partir das relações entre esses princípios, inicia-se a produção dos quatro elementos (*stoicheia*): fogo (*pyr*), ar (*aira*), água (*hydor*) e terra (*ge*), os quais, combinados em pares, formam duas substâncias: uma ativa, conhecida por *pneuma*, e outra passiva, conhecida por matéria (*hyle*)<sup>3</sup>. Em seguida, o *pneuma* une-se à matéria e a qualifica, constituindo assim corpos distintos. O modo como isso acontece se dá através de um movimento simultâneo do *pneuma* para dentro, conferindo individualidade ao corpo, e para fora, fornecendo-lhe qualidade. Os estoicos denominam esse movimento *tónus*, que se refere ao caráter denso ou rarefeito de um corpo tensionado ou distensionado.<sup>4</sup>

O grau mais baixo de tonicidade (mais denso e menos tensionado) corresponde ao grau de tonicidade *hexis*, que fornece coesão ao composto<sup>5</sup>. O segundo grau pneumático é o da *physis*<sup>6</sup>, fornecendo ao composto a força necessária para a nutrição e o crescimento. O grau seguinte é o da *psyche*, neste caso, além das características anteriores, a unidade adquire as capacidade de representação e impulso. O último grau é o do *hegemonikon*, que é próprio do composto que conhecemos por ser humano, com capacidade de representação, impulso e

<sup>2</sup> "Ἐν τῷ εἶναι θεὸν καὶ νοῦν καὶ εἰμαρμένην καὶ Δία: πολλὰς τῷ ἑτέρας ὀνομασίας προσονομάζεσθαι. κατ' ἀρχὰς μὲν οὖν καθ' αὐτὸν ὄντα τρέπειν τὴν πᾶσαν οὐσίαν δι' ἀέρος εἰς ὕδωρ: καὶ ὥσπερ ἐν τῇ γονῇ τὸ σπέρμα περιέχεται, οὕτω καὶ τοῦτον σπερματικὸν λόγον ὄντα τοῦκόσμου, τοιόνδ' ὑπολείπεσθαι ἐν τῷ ὑγρῷ, εὐεργόν αὐτῷ ποιῶντα τὴν ὕλην πρὸς τὴν τῶν ἐξῆς γένεσιν: εἴτ' ἀπογεννᾶν πρῶτον τὰ τέσσαρα στοιχεῖα πῦρ, ὕδωρ, ἀέρα, γῆν. D. L., VII.135-6 (*SVF* I, 102). Tradução de R.D. Hicks.

<sup>3</sup> Estobeu, *Eclogae* I, p. 129, 1 W. *SVF* II. 413.

<sup>4</sup> DINUCCI, Aldo, Manual de Estoicismo: *A visão estoica do mundo*.

<sup>5</sup> Long, *Corpo e Alma no Estoicismo*, p.37. (*SVF* II. 368, 458, 741, 988, 1013).

<sup>6</sup> D.L. afirma que o termo *physis* é usado também pelos estoicos como a união do *Kosmos*, a causa do crescimento das coisas e sua conservação como princípio seminal (*spermatikos logos*).

assentimento de caráter racional<sup>7</sup>. Caso um composto tenha apenas o grau *hexis*, ele será classificado como um ser inanimado<sup>8</sup>. Uma pedra, por exemplo, é dotada exclusivamente de sua força de coesão<sup>9</sup>. Quando passa a ter grau de *physis*, o composto adquire capacidade de crescimento e nutrição, o que constitui o corpo das plantas. No entanto, o grau da *hexis* ainda permanece, mas agora como uma função própria da *physis*<sup>10</sup>. O nível da *psyche* fornece sensação e movimento ligados às funções psíquicas como representação (*phantasia*) e impulso (*horme*). São capacidades que definem o corpo de um ser vivo<sup>11</sup>. Quando o *pneuma* atinge o último nível, o do *hegemonikon*, o composto adquire mais duas funções psíquicas: assentimento (*synkatathesis*) e razão (*logos*), caracterizando o corpo do ser vivo racional.<sup>12</sup>

Por fim, após o processo de união dos elementos, teremos um conjunto de corpos envolto por um espaço vazio que será conhecido por *Kosmos*, compreendido pelos estoicos em três sentidos: (i) é visto como o próprio Deus: um ser indestrutível e imperecível que se confunde com a qualidade de todas as coisas e sua ordem, que, em períodos regulares, absorve todas elas em si;<sup>13</sup> (ii) é entendido como a ordem dos corpos celestes;<sup>14</sup> (iii) as duas concepções anteriores juntas.<sup>15</sup>

<sup>7</sup> Clemente de Alexandria 'Stromata' II. (SVF II, 714). Tradução de Roberto Radice.

<sup>8</sup>SVF II, 714-18, in Long, *Corpo e Alma no Estoicismo*, p.38. Para HARGER, Paul, *A Teoria do Pneuma de Crisipo*, p.102, nos seres humanos, por exemplo, ele fará parte da estrutura do esqueleto, ossos e tendões.

<sup>9</sup> SVF II, 714, Clemente de Alexandria 'Stromata' II. Tradução de Roberto Radice.

<sup>10</sup> Nos seres humanos ela é responsável pelo crescimento dos cabelos e unhas. Ver HARGER, Paul, *A teoria do Pneuma de Crisipo*, p.102.

<sup>11</sup> ἅπαν μὲν γὰρ φύτῶν ὑπὸ φύσεως διοικεῖται, πᾶν δὲ ζῶον ὑπὸ φύσεώς τε ἅμα καὶ ψυχῆς εἴ γε δὴ τὴν μὲν τοῦ τρέφεσθαι τε καὶ αὐξάνεσθαι καὶ τῶν τοιούτων ἔργων αἰτίαν ὀνομάζομεν ἅπαντες ἄνθρωποι φύσιν, τὴν δὲ τῆς αἰσθήσεώς τε καὶ ἐξ ἑαυτῆς κινήσεως ψυχὴν. Cada vegetal é governado pela faculdade vegetativa, enquanto cada animal é governado pela faculdade vegetativa e, ao mesmo tempo, também pela alma. Se, portanto, todos nós damos o nome de 'faculdade vegetativa' à causa da nutrição, crescimento e tais funções, damos o nome de 'alma' à causa da sensação e do movimento que ela origina. Galeno 'Adv. Iulianum' 5, Vol. XVIII A, p. 266 K. SVF II, 718. Tradução de Roberto Radice.

<sup>12</sup> Como observa Long, *Corpo e Alma no Estoicismo* p.38, Deus possui distintas formas de mover-se na matéria: nos objetos sem vida, apenas como *hexis*, nas plantas, como *physis*, nos animais, como *psyche*, nos seres humanos, como *hegemonikon*. Ele afirma também que alguns outros autores dizem existir apenas três tipos de movimentos pneumáticos. Galeno (S V F 2.716 in Long *Soul and Body in Stoicism*, p.44), afirma que há o *hekitikon*, *physikon* e *psykikon*. A nutrição de plantas e animais se daria mediante o *physikon*; a capacidade de sensação e movimento, através do *psykikon* e *psykikon* juntos. Clemente de Alexandria, SVF II.714, insere nos animais irracionais impulso e *phantasia* associados à *hexis* e *physis*. Philo, S. V. F. II.458, afirma ser os ossos devidos à *hexis* e unhas à *physis*. A questão que se impõe é por que nos objetos inanimados o *pneuma* não desenvolve. Será que a quantidade de matéria o impede ou seu movimento é que atrai uma grande quantidade de matéria?

<sup>13</sup> D.L. VII, 137-8.

<sup>14</sup> *Ibidem*, 138: καὶ αὐτὴν δὲ τὴν διακόσμησιν τῶν ἀστερων κόσμον εἶναι. O arranjo ordenado dos corpos celestes em si mesmo como tal. Minha tradução do grego.

<sup>15</sup> D.L. VII, 138: τὸ συνεστηκὸς ἐξ ἄμφοϊν. “Para aquele todo do qual esses dois são partes”. Minha tradução do grego.

### 1.1 Corrupção e Renascimento do *Kosmos*: a *ekpyrosis*

Após a sua constituição como unidade de partes distintas, o *Kosmos*, como um todo, continua seu movimento. Da mesma forma, todos os corpos particulares agem da mesma forma a fim de realizar, cada um a sua maneira, a sua natureza. Entretanto, há um momento no qual os elementos que a tudo compõe são dissolvidos naquilo que o originou. Isso não significa aniquilação de todas as coisas, isto é, não é uma passagem do Ser ao não-Ser. É um movimento eterno de mudança; um desdobrar de um Deus que, impelido por sua própria atividade, não cessa de expandir e retornar a si. A esse evento cósmico, os estoicos chamam de *ekpyrosis*:<sup>16</sup>

E esta é a doutrina que foi aceita pelos primeiros e mais antigos líderes da seita: Zenão, Cleantes e Crisipo. Diz-se que Zenão de Tarso<sup>17</sup>, discípulo e sucessor de Crisipo na Escola, duvidou da conflagração do universo. A razão comum, tendo avançado até aqui, é uma natureza comum tornando-se maior e mais completa, e tendo finalmente secado todas as coisas e às absorvido em si mesma, encontrando-se na substância universal, voltando à condição mencionada anteriormente e para aquela ressurreição que faz o Grande Ano, na qual ocorre a restituição de si mesmo para si mesmo novamente. E quando ele retorna, por causa de um arranjo como aquele do qual começou a fazer uma organização semelhante, segundo a razão, segue o mesmo curso novamente, de modo que tais períodos continuam desde a eternidade e nunca cessam.<sup>18</sup>

A origem e a destruição do *Kosmos* são discutidas por Zenão na obra *Sobre o Todo*, Crisipo no primeiro livro da *Física*, e por Possidônio<sup>19</sup> no primeiro

<sup>16</sup> περὶ δὴ οὖν τῆς γενέσεως καὶ φθορᾶς τοῦ κόσμου φησὶ Ζήνων μὲν ἐν τῷ Περὶ ὄλου, Χρῦσιππος δ' ἐν τῷ πρώτῳ τῶν Φυσικῶν καὶ Ποσειδώνιος ἐν πρώτῳ Περὶ κόσμου καὶ Κλεάνθης καὶ Αντίπατρος ἐν τῷ δεκάτῳ Περὶ κόσμου. Παναίτιος δ' ἄφθαρτον ἀπεφήνατο τὸν κόσμον. Sobre a origem e destruição do *Kosmos*, são discutidas por Zenão na obra *Sobre o Todo*, Crisipo no primeiro livro da *Física* e Posidônio no primeiro livro *Sobre o Kosmos*, Cleantes e Antíparos no segundo livro *Sobre o Kosmos*. Panécio declara que o *Kosmos* não será destruído. D.L VII, 142.5. Minha tradução. Conforme Kidd, Posidônio: *A Tradução dos Fragmentos*, p.77: “Uma vez que esta passagem é imediatamente precedida por argumentos para a destruição do *Kosmos* e por um relato de sua geração, e imediatamente seguida pela afirmação ‘Mas Panécio declarou que o universo é indestrutível’, deve seguir-se que Posidônio, com os outros na lista, acreditava que o universo era destrutível[...].”

<sup>17</sup> Fl. 200 a.C. 5º escolarca do Pórtico, aluno de Crisipo.

<sup>18</sup> καὶ τοῦτο τὸ δόγμα τῶν ἀπὸ τῆς αἰρέσεως οἱ πρῶτοι καὶ πρεσβύτατοι προσήκαντο, Ζήνων τε καὶ Κλεάνθης καὶ Χρῦσιππος. τὸν μὲν γὰρ τούτου μαθητὴν καὶ διάδοχον τῆς σχολῆς Ζήνωνά φασιν ἐπισχεῖν περὶ τῆς ἐκπυρώσεως τῶν ὄλων. Ἐπὶ τοσοῦτον δὲ προελθὼν ὁ κοινὸς λόγος καὶ κοινὴ φύσις μείζων καὶ πλείων γενομένη τέλος ἀναξηράνασα πάντα καὶ εἰς ἐαυτὴν ἀναλαβοῦσα ἐν τῇ πάσῃ οὐσίᾳ γίνεται, ἐπανελθοῦσα εἰς τὸν πρώτων ῥηθέντα λόγον καὶ εἰς τὴν ἀνάστασιν ἐκείνην τὴν ποιοῦσαν ἐνιαυτὸν τὸν μέγιστον, καθ' ὃν ἀπ' αὐτῆς μόνης εἰς αὐτὴν πάλιν γίνεται ἢ ἀποκατάστασις. ἐπανελθοῦσα δὲ διὰ τάξιν, ἀφ' οἷας διακοσμεῖν ὡσαύτως ἤρξατο, κατὰ λόγον πάλιν τὴν αὐτὴν διεξαγωγὴν ποιεῖται, τῶν τοιούτων περιόδων ἐξ αἰδίου γινομένων ἀκαταπαύστως. Eusébio, *Preparação Evangelical*, 15.18.19.1-2 (SVF II, 599). Tradução de L.S.

<sup>19</sup> Conforme Kidd, Posidônio: *A Tradução dos Fragmentos*, p.77: “Uma vez que esta passagem é imediatamente precedida por argumentos para a destruição do *Kosmos* e por um relato de sua geração, e imediatamente seguida

livro *Sobre o Kosmos*, Cleantes e Antíparos no segundo livro *Sobre o Kosmos*. Panécio declara que o *Kosmos* não será destruído.<sup>20</sup>

*Ekpyrosis* é traduzido para o latim por *conflagratio*; em português, conflagração, indicando combustão, fogo excessivo ou incêndio que se alastra por uma grande área. O termo define precisamente o Deus estoico, pois, de acordo com a doutrina, o divino é considerado um Fogo que a tudo produz e consome. No início, ele permanece enquanto princípio na matéria, assim como uma semente permanece no úmido, para que, no momento propício, ele desperte e reduza tudo a si mesmo:

Em *Sobre a Providência*, Livro 1, ele [Crisipo] diz que Zeus continua a crescer (*auksano*) até que ele tenha esgotado tudo em si mesmo: pois a morte é a separação da alma do corpo, e a alma do mundo não é separada, mas cresce continuamente até ela ter completamente usado sua matéria em si mesmo. Não se deve dizer que o mundo morre...(2) No mesmo livro ele escreveu claramente: o mundo sozinho é dito ser autossuficiente porque ele sozinho tem dentro de si tudo que ele precisa, e recebe sua nutrição e crescimento de si mesmo já que suas diferentes partes mudam uma para outra.<sup>21</sup>

A *ekpyrosis* é a consequência do movimento divino contínuo de torna-se maior, mais completo, amplificado (*auksano*).<sup>22</sup> Ora, se este é o caso, além de mostrar que esse movimento é um movimento de corrupção (*phthoras*) de todas as coisas, pode indicar um trabalho não repentino, mas lento e gradual. Sêneca, na obra *Consolação à Mária*,<sup>23</sup> que

---

pela afirmação ‘Mas Panécio declarou que o universo é indestrutível’, deve seguir-se que Posidônio, com os outros na lista, acreditava que o universo era destrutível[...].

<sup>20</sup> περί δὴ οὖν τῆς γενέσεως καὶ φθορᾶς τοῦ κόσμου φησὶ Ζήνων μὲν ἐν τῷ Περὶ ὄλου, Χρύσιππος δ' ἐν τῷ πρώτῳ τῶν Φυσικῶν καὶ Ποσειδώνιος ἐν πρώτῳ Περὶ κόσμου καὶ Κλεάνθης καὶ Αντίπατρος ἐν τῷ δεκάτῳ Περὶ κόσμου. Παναίτιος δ' ἄφθαρτον ἀπεφήνατο τὸν κόσμον. D.L VII, 142.5. Minha tradução do grego. Quanto a discordância da doutrina, encontramos um fragmento que pode indicar o motivo: os estoicos afirmam que a conflagração universal ocorre de acordo com ciclos periódicos, e que então uma conflagração é seguida pelo restabelecimento da boa ordem do *Kosmos*, uma boa ordem em que todas as coisas são iguais às do universo anterior. Aqueles que manifestaram reservas a esta doutrina falavam da existência de uma pequena, verdadeiramente mínima, lacuna entre as coisas que acontecem em um ciclo periódico e as do ciclo anterior. Orígenes '*Contra Celsum*' IV, 68, Vol. I, p. 338, 3 K. [II, 190,25].[2] V, 20, Vol. II, p. 21, 23 (*SVF*, II, 626).

<sup>21</sup> ἐν δὲ τῷ πρώτῳ περὶ Προνοίας ‘τὸν Δία φησὶν αὐξεσθαι, μέχρι ἂν εἰς αὐτὸν ἅπαντα καταναλώσῃ. ἐπεὶ γὰρ ὁ θάνατος μὲν ἐστὶ χωρισμὸς ψυχῆς ἀπὸ τοῦ σώματος, ἡ δὲ τοῦ κόσμου ψυχὴ οὐ χωρίζεται μὲν αὐξεται δὲ συνεχῶς μέχρι ἂν εἰς ἑαυτὴν καταναλώσῃ τὴν ὕλην, οὐ ῥητέον ἀποθνήσκειν τὸν κόσμον’ τίς ἂν οὖν ἐναντιώτερα λέγων ἑαυτῷ φανείη τοῦ τὸν αὐτὸν θεὸν νῦν μὲν αὐξεσθαι νῦν δὲ μὴ τρέφεσθαι λέγοντος; καὶ τοῦτ' οὐ δεῖ συλλογίζεσθαι: σαφῶς γὰρ αὐτὸς ἐν τῷ αὐτῷ γέγραπεν ‘αὐτάρκης δ' εἶναι λέγεται μόνος ὁ κόσμος διὰ τὸ μόνος ἐν αὐτῷ πάντ' ἔχειν ὃν δεῖται: καὶ τρέφεται ἐξ αὐτοῦ καὶ αὐξεται, τῶν ἄλλων μορίων εἰς ἄλληλα καταλλαττομένων. Plutarco, *Sobre a autocontradição dos Estoicos*, 1052 C-D (*SVF* II, 604). Tradução de Roberto Radice.

<sup>22</sup> O termo pode ser traduzido por aumentar, crescer ou amplificar em poder.

<sup>23</sup> Sêneca, *Consolação a Mária*, XXVI, 6-7. Tradução de Monica Seincman.

veremos mais detalhadamente em outro tópico, diz que “tudo o que foi reunido que seja quebrado novamente, que tudo o que foi quebrado seja reunido novamente e que a eterna obra de Deus, que controla todas as coisas, *está trabalhando nesta tarefa*.” Um indício de que a conflagração é o resultado final de um movimento contínuo de completude divina. Além disso, podemos inferir também que o processo de *ekpyrosis* se inicia no momento da criação do *Kosmos*, pois, apesar de sua aparente inércia ao permanecer na matéria enquanto princípio, a expressão fenomênica do fogo artífice se dá no *pneuma*, uma substância ativa responsável pelos movimentos de qualificação dos corpos, o que ocorre imediatamente após a criação do *pneuma* e sua coabitação com a matéria. Isso nos leva a crer que o mesmo movimento que leva o à conflagração se dá nos corpos. E, considerando os graus do *pneuma*, como nos disse Long,<sup>24</sup> como diferentes manifestações de uma atividade divina, a qual atinge seu ápice na matéria enquanto *hegemonikon*, compreendemos que os diferentes graus do *pneuma* são movimentos de corrupção dos corpos individuais, pois, se quanto mais completo é o Fogo artífice mais ele consome os elementos que constituem o *Kosmos*, quanto mais completo ele for, também nos corpos particulares, mais esses corpos se dissolverão nele<sup>25</sup>, ou seja, a natureza dos corpos espelha, a seu modo, a natureza do todo.

Porque essa é a natureza do *Kosmos*, e foi e será, e não é possível que os eventos ocorram de outra forma senão como são agora. E não apenas humanos e outros animais na terra compartilham este ciclo e esta transformação, mas também <coisas> divinas. E, por Zeus, até os quatro elementos sobem e descem, transformando-se. Da terra vem a água; da água, ar, que novamente se torna éter, e essas mesmas transformações <também ocorrem> de cima para baixo.<sup>26</sup>

O *Kosmos* encerra cada uma de suas existências cíclicas revertendo o processo de criação, e os elementos fenomênicos (fogo, ar, terra e água) no final se reduzem ao fogo

<sup>24</sup> *Corpo e Alma no Estoicismo* p.38.

<sup>25</sup> Conforme Dinucci, *O Manual de Estoicismo: A visão estoica do mundo*, “uma vez constituído o mundo, o fogo demiúrgico, que o criou a partir de si mesmo, retorna ao mundo para nele descansar como semente, no úmido, como promessa de vida, para, quando o *Kosmos* se esgotar, brotar dessa semente e a tudo consumir, renovando o mundo e criando-o outra vez”.

<sup>26</sup> τι τοιαύτη ἡ τοῦ κόσμου φύσις καὶ ἦν καὶ ἔστι καὶ ἔσται καὶ οὐχ οἷόν τε ἄλλως γίγνεσθαι τὰ γινόμενα ἢ ὡς νῦν ἔχει· καὶ ὅτι ταύτης τῆς τροπῆς καὶ τῆς μεταβολῆς οὐ μόνον οἱ ἄνθρωποι μετελήφασιν καὶ ἄλλα ζῷα τὰ ἐπὶ γῆς, ἀλλὰ καὶ τὰ θεῖα, καὶ νῆ Δι' αὐτὰ τὰ τέτταρα στοιχεῖα ἄνω καὶ κάτω τρέπεται καὶ μεταβάλλει καὶ γῆ τε ὕδωρ γίνεται καὶ ὕδωρ ἀήρ, οὗτος δὲ πάλιν εἰς αἰθέρα μεταβάλλει, καὶ ὁ αὐτὸς τρόπος τῆς μεταβολῆς ἄνωθεν κάτω. Musônio Rufo, *Fragmento 42*. tradução de Aldo Dinucci.

artífice, a divindade primeva, e o processo termina assim como iniciou, com o Fogo originário perfazendo todo o real.

## 1.2 Fenômenos que levam à *Ekpyrosis*

Eles [os estoicos] asseguram que os *Kosmos* deve surgir e terminar, visto que ele teve seu início analogamente às coisas das quais são apreendidas pelos sentidos. E se as partes são percíveis, o todo também o é. Agora, as partes do *Kosmos* são percíveis porque são transformadas umas nas outras, portanto, o *Kosmos*, por si mesmo, é condenado a perecer. Além disso, se qualquer coisa que é destrutível admite deterioração; portanto o *Kosmos*, então, por isso, primeiro se evapora e novamente dissolvido na água.<sup>27</sup>

A evaporação (*eksauchmoutai*) de que nos fala Diógenes Laércio, entendemos ser o maior dos fenômenos ekpiróticos, pois, o primeiro movimento realizado pela divindade é a transformação do ar em umidade cósmica, possibilitando-o, assim como uma semente precisa do úmido para germinar, gerar os quatro elementos fenomênicos. Sem umidade, não pode haver criação.

Vejamos outros fenômenos, descritos por Filo de Alexandria, que precedem a *ekpyrosis*:

Teofrasto, portanto, afirma que aqueles que pregam a geração e a extinção do *Kosmos* estão enganados em quatro pontos principais: a irregularidade da superfície da terra, o recuo do mar, a dissolução das partes de um todo e a extinção dos animais, dependendo dos gêneros. O primeiro ponto está estruturado da seguinte forma: ‘Se a terra não tivesse começado por um ato de geração, não seria mais vista em nenhuma de suas partes elevadas, todas as montanhas já estariam niveladas e todas as colinas reduzidas a planícies. De fato, ano após ano, muitas chuvas trazem sobre o solo do céu eterno, e seria possível supor que algumas terras que foram erguidas a uma certa altura, outras foram esmagadas por torrentes em inundações; outros, em rebaixamento, desmoronaram; e que todos em todos os lugares já foram suavizados. Agora, porém, as contínuas irregularidades e a elevação de muitas montanhas a alturas etéreas são indícios de que a terra não é o céu eterno. Já que por um tempo, como eu disse, toda a terra teria se tornado uma estrada plana como resultado de enchentes que duraram por um tempo infinito. A natureza da água, e sobretudo daquela que cai de lugares muito altos, é de fato a de empurrar violentamente algumas rochas; cavar outras, esculpindo-as com a queda contínua das gotas e trabalhar o solo duro e

<sup>27</sup> ἀρέσκει δ' αὐτοῖς καὶ φθαρτὸν εἶναι τὸν κόσμον, ἅτε γενητὸν τῷ λόγῳ τῶν δι' αἰσθήσεως νοουμένων, οὗ τε τὰ μέρη φθαρτά ἐστι, καὶ τὸ ὅλον· τὰ δὲ μέρη τοῦ κόσμου φθαρτά· εἰς ἄλληλα γὰρ μεταβάλλει· φθαρτὸς ἄρα ὁ κόσμος. καὶ εἴ τι ἐπιδεικτικόν ἐστι τῆς ἐπὶ τὸ χειρὸν μεταβολῆς, φθαρτὸν ἐστι· καὶ ὁ κόσμος δέ· ἐξαυχοῦται γὰρ καὶ ἐξυδατοῦται. D.L. VII, 141. Tradução de R. D. Hicks. Ver também Alexandre de Licópolis 19,2-4, in L.S. Vol. 1, p.276.

pedregoso não menos que os escavadores'. <O segundo ponto está estruturado assim>: 'E então o nível do mar - dizem - diminuiu. As ilhas de maior fama são testemunhas disso: Rodas e Delos. Essas ilhas, de fato, inundadas pelas ondas, outrora afundaram e desapareceram no mar. Posteriormente, baixando o nível do mar e revolvendo-os um pouco, ao longo do tempo elas reapareceram, conforme revelam as histórias escritas sobre elas [...] Portanto, se o nível do mar diminuir, a terra também diminuirá e, por longos períodos de anos, um e outro elemento será totalmente consumido; também será gasto todo o ar, que diminuirá gradualmente, e todos os elementos serão reduzidos por ele a uma única substância: a do fogo'. Para a estruturação do terceiro ponto eles usam um raciocínio deste tipo: 'parece completamente aquele cujas partes são todas percíveis; mas todas as partes do *Kosmos* estão perecendo; portanto, o *Kosmos* pereceu'. Agora é a hora de olhar para a pergunta que adiamos. Que parte da terra, para começar, grande ou pequena, não se dissolve com o tempo? As pedras mais duras não desmoronam? De fato, dependendo da fraqueza da força coesiva de seu estado físico - já que o tônus de seu *pneuma* representa um vínculo não tal que não possa ser rompido, mas apenas difícil de dissolver - elas, uma vez esmagados [...], transformam-se primeiro em pó fino e depois, dilapidadas, desaparecem por completo. E então? Se a água não for ventilada pelos ventos, mas fica imóvel, não é morta pela calma? Ela se transforma e exala um cheiro muito ruim, como um animal que se queda desprovido de alma. Corrupções no ar, então, são uma festa para qualquer um. O ar pode, de fato, por natureza, adoecer, perecer e, de certa forma, morrer. Pois o que diria alguém que não visa o decoro dos nomes, mas a verdade, senão que a peste está morta no ar, que espalha sua própria afecção em torno de si para a ruína de todos aqueles que recebeu uma alma por sorteio? [...] Dizem então que o quarto e último raciocínio deve ser especificado desta forma: 'Se o *Kosmos* fosse eterno, até os animais seriam eternos e muito mais o seria a raça humana, como um gênero melhor que os outros. [...] ... Se o humano não é eterno, como nem todos os outros animais são, como não são os lugares [I, 32,1] que os mostram, assim como não é a terra, a água e o ar: fica claro disso que o *Kosmos* é percível'<sup>28</sup>

<sup>28</sup> ἰσόπεδοι τῇ πεδιάδι" τοτούτων γὰρ καθ' ἕκαστον ἐνιαυτὸν ὄμβρων ἐξ αἰδίου φερομένων εἰκὸς ἦν τῶν διηρμένων πρὸς ὕψος τὰ μὲν χειμάρροις ἀπερρῆχθαι, τὰ δ' ὑπονοστήσαντα κεχαλαῖσθαι, πάντα δὲ διὰ πάντων ἤδη λελειάνθαι" νυνὶ δὲ 535 συνεχεῖς ἀνωμαλίας καὶ παμπόλλων ὀρῶν «( πρὸς αἰθέριον ὕψος ὑπερβολαὶ μηνύματ' ἐστὶ τοῦ τὴν γῆν μὴ αἰδίου εἶναι" πάλαι γάρ, ὡς ἔφην, ἐν ἀπειρῷ χρόνῳ ταῖς ἐπομβρίαις ἀπὸ περάτων ἐπὶ πέρατα πᾶσ' (ὕν) λεωφόρος ἐγεγένητο. πέφυκε γὰρ ἡ ὕδατος φύσις καὶ μάλιστα ἀφ' ὑψηλοτάτων καταράττουσα τὰ μὲν ἐξωθεῖν τῇ βίᾳ, τὰ δὲ τῷ συνέχει τῶν ψεκάδων κολάπτουσα κοιλαίνειν' ὑπεργάζεσθαι τε τὴν δκληῖ ρόγων καὶ λιθωδεστάτην ὀρυχτήρων οὐκ ἔλαττον" καὶ μὴν ἢ γτ θάλασσα. "" φασίν, ..ἤδη μεμείωται" μάρτυρες δ' αἱ νήσων εὐδοκιμώταται Ῥόδος τε καὶ 4ῆλος" αὐταὶ γὰρ τὸ μὲν παλαιὸν ἠφανισμένοι κατὰ τῆς θαλάττης ἐδεδύκεσαν ἐπικλυζόμενοι, χρόνῳ δ' ὕστερον ἐλαττούμενης ἡρέμα κατ' ὀλίγον ἀνίσχουσαι διεφάνησαν, ὡς αἱ περὶ αὐτῶν 19 ἀναγραφεῖσαι μηνύουσιν ἱστορίαι" τὴν δὲ 4ῆλον καὶ ἀνάφην ὠνόμασαν δι' ἀμφοτέρων ὀνομάτων πιστούμενοι τὸ λεγόμενον, ἐπειδὴ γὰρ ἀναφανεῖσα δῆλος ἐγένετο, ἀδηλουμένη καὶ ἀφανῆς οὖσα τὸ πάλαι. πρὸς δὲ τούτοις μεγάλων πελαγῶν μεγάλους κόλπους καὶ βαθεῖς ἀναξηρανθέντας ἠπειρῶσθαι καὶ γεγενῆσθαι τῆς παρακειμένης χώρας 16 μοῖραν οὐ λυπρὰν σπειρομένους καὶ φυτευομένους, οἷς σημεῖ' ἄττα τῆς παλαιᾶς ἐναπολελείφθαι θαλαττώσεως ψηφιδᾶς τε καὶ κόγχας καὶ ὅσα ὁμοίωτροπα πρὸς αἰγιαλοὺς εἶωθεν ἀποβράττεσθαι. διὸ καὶ Πίνδαρος ἐπὶ τῆς 4ῆλου φησί" Χαῖρ', ὦ θεοδμάτα, λιπαροπλοχάμου 20 παιδεσσι Ματοῦς ἡμεροέστατον ἔρνος Πόντου θύγατερ, χθονὸς εὐρείας ἀκίνητον τέρας" ἂν τε βροτοὶ Ζεῦ δαλὸν κικλήσκουσιν, μάκαρες δ' ἐν Ὀλύμπῳ τηλέφαντον κυανέας χθονὺς ἄστρον. θυγατέρα γὰρ Πόντου τὴν 4ῆλον εἶρηκε τὸ λεχθὲν αἰνιττόμενος. εἰ 46 δὴ μειοῦται ἡ θάλαττα, μειωθήσεται μὲν ἡ γῆ, μακραις δ' ἐνιαυτῶν περιόδοις καὶ εἰς ἅπαν

O primeiro ponto afirma que o *Kosmos* não pode ser eterno. Se este fosse o caso, o elemento água, que por natureza é capaz de moldar ou dissolver as coisas, teria um tempo infinito para se sobrepôr a outros elementos, o que impediria a diversidade de formas dos corpos. Além do mais, Filo parece indicar que o movimento *Kosmos* é o de sempre se expandir, de modo que se tivesse um tempo infinito para isso, sobraria apenas uma fina camada de matéria expandida.

No segundo, ele contradiz quem afirma que o recuo das águas faz surgir mais terra. Ao contrário. A diminuição das águas provoca a diminuição dos outros elementos, ou seja, mais uma vez temos a ausência da umidade como processo que leva à *ekpyrosis*. O que não nos soa estranho, por ser a umidade condição indispensável para a realização do Deus enquanto *espermatikos*. Entretanto, Cleantes afirma que a Lua e o resto das estrelas serão consumidos pelo Sol, asserindo ser ele o ponto de partida para a *ekpyrosis*, cujo resultado será o fogo

---

ἐκάτερον στοιχεῖον ἀναλωθήσεται, δαπανηθήσεται δὲ καὶ ὁ σύμπας ἀήρ ἐκ τοῦ κατ' ὀλίγον ἐλατούμενος, ἀποκριθήσεται δὲ τὰ πάντα σὺν μίαν οὐσίαν τὴν πυρός." πρὸς δὲ τὴν τοῦ τρίτου κεφαλαίου κατασκευὴν χρῶνται λόγῳ σο τοιῶδε· φθείρεται πάντως ἐκεῖνο, οὗ πάντα τὰ μέρη φθαρτά ἐστι, τοῦ δὲ κόσμου πάντα τὰ μέρη φθαρτά ἐστι, φθαρτός ἄρα ὁ κόσμος ἐστίν. ὁ δ' ὑπερεθέμεθα νῦν ἐπισκεπτέον. ποῖον μέρος τῆς γῆς. ἴν' ἀπὸ ταύτης ἀρξώμεθα, μείζον ἢ ἐλαττον, οὐ χρόνῳ διαλύσεται: λίθων οἱ κραταιότατοι ἄρ' οὐ μυδῶσι καὶ σήπονται; κατὰ τὴν ἐξέως σὺ ἀσθένειαν (ἢ δ' ἐστι πνευματικὸς τόνος, δεσμὸς οὐκ ἄρρηκτος, ἀλλὰ μόνον δυσδιάλυτος) θρυπτόμενοι καὶ ῥέοντες εἰς λεπτὴν τὸ πρῶτον. ἀναλύονται κόνιν, εἴθ' ὕστερον δαπανηθέντες ἐξαναλοῦνται. τί δέ; εἰ μὴ πρὸς ἀνέμων ῥιπίζοιτο τὸ ὕδωρ, ἀκίνητον ἐαθὲν οὐχ ὑφ' ἡσυχίας νεχροῦται; μεταβάλλει γοῦν καὶ δυσωδέστατον γίγνεται οἷα ψυχὴν ἀφηρημένον ζῶον. αἶψα μὴ ἀέρος φθοραὶ παντὶ τῶ δῆλαι" νοσεῖν γὰρ καὶ φθίνειν καὶ τρόπον τιν' ἀποθνήσκειν πέφυκεν. ἐπεὶ τί ἂν Τίγ, μὴ στοχαζόμενος ὀνομάτων εὐπρεπείας ἀλλὰ τὰληθοῦς, εἴποι λοιμὸν εἶναι πλὴν ἀέρος θάνατον τὸ οἰκεῖον πάθος ἀναχέοντος ἐπὶ φθορᾷ πάντων ὅσα ψυχῆς μεμοίραται; τί χρη μακρηγορεῖν περὶ πυρός; ἀτροφῆσαν γὰρ αὐτίκα σβέννυται χωλόν, ἢ φασιν οἱ ποιηταί, γεγονός ἐξ ἑαυτοῦ. διὸ σκηριπτόμενον ὀρθοῦται κατὰ τὴν τῆς ἀναφθείσης ὕλης νομῆν, ἐξαναλωθείσης δ' ἀφανίζεται. τὸ παραπλήσιον μέντοι καὶ τοὺς 106a κατὰ τὴν Ἰνδικὴν δράκοντάς φασιν πάσχειν. ἀνέροντας γὰρ ἐπὶ τὰ μέγιστα τῶν ζῶων ἐλέφαντας περὶ νῶτα καὶ νηδὺν ἅπασαν εἰλεῖσθαι, φλέβα δ' ἦν ἂν τύχη διελόντας ἐμπίνειν τοῦ αἵματος, ἀπλήστως ἐπισπωμένους βιαίῳ πνεύματι καὶ συντόνῳ ὄοι(το. μέχρι μὲν οὖν τινος ἐξαναλουμένους ἐκείνους ἀντέχειν ὑπ' ἀμηχανίας ἀνασκιρτώντας καὶ τῆ προνομαίᾳ τὴν πλευρὰν τύποντας ὡς καθιζομένους τῶν δρακόντων, εἴτ' ἀεὶ κενουμένου τοῦ ζωτικῆς πηδᾶν μὲν μηκέτι δύνασθαι, χραδαινομένους δ' ἐστάναι, μικρὸν δ' ὕστερον καὶ τῶν σκελῶν ἐξασθενησάντων κατασεισθέντας ὑπὸ λυφαιμίας ἀποψύχειν' πεσόντας δὲ τοὺς αἰτίους τοῦ θανάτου συναπολλύναι τρόπον τοιῶδε" μηκέτ' ἔχοντες τροφήν οἱ δράκοντες, ὃν περιέθεσαν δεσμὸν ἐπιχειροῦσιν ἐχλύειν ἀπαλλαγὴν ἤδη ποθοῦντες, ὑπὸ δὲ τοῦ βάρους τῶν ἐλεφάντων θλιβόμενοι πιεζοῦνται καὶ πολὺ μᾶλλον ἐπειδὰν τύχη στέριφον (Ον) καὶ λιθαῖδες τὸ ἔδαφος" ἰλυσπώμενοι γὰρ καὶ πάντα ποιοῦντες εἰς διάλυσιν ὑπὸ τῆς τοῦ πῆσαντος βίας πεδηθέντες, ἑαυτοὺς πολυτρόπως ἐν ἀμηχανίαις καὶ ἀπόροις γυμνάσαντες ἐξασθενοῦσι καὶ καθάπερ οἱ καταλευσθέντες ἢ τεῖχος αἰφνίδιον ἐπενεχθέντος προκκαταληφθέντες, οὐδ' ὅσον ἀνακύψαι δυνάμενοι πνιγῆ τελευτῶσιν. εἰ δὲ τῶν μερῶν ἕκαστον τοῦ κόσμου φθορὰν ὑπομένει, δηλονότι καὶ ὁ ἐξ αὐτῶν παγεις κόσμος ἄφθαρτος οὐκ ἔσται." τὸν δὲ τέταρτον καὶ λοιπὸν Αἶγον ἀκριβοτέον ὡδέ φασιν. ..εἰ ὁ κόσμος αἶδιος ἦν, ἦν ἂν καὶ τὰ ζῶα αἶδια καὶ πολὺ γε μᾶλλον τὸ τῶν ἀνθρώπων γένος ὅσῳ καὶ τῶν ἄλλων ἄμεινον. ἀλλὰ καὶ ὁψίγονον φανῆναι τοῖς βουλομένοις ἐρευνῆν τὰ φύσεως. εἰκὸς γὰρ, μᾶλλον δ' ἀναγκαῖον ἀνθρώποις συνυπάρξαι τὰς τέχνας ὡς ἂν ἰσηλικας, οὐ μόνον ὅτι λογικῆ φύσει τὸ ἐμμέθοδον οἰκεῖον, ἀλλὰ καὶ ὅτι ζῆν ἄνευ τούτων οὐκ ἔστιν" ἴδωμεν οὖν τοὺς ἐκάστων χρόνους ἀλογήσαντες τῶν ἐπιτραφουμένων θεοῖς μύθων \*\*\* εἰ μὴ αἶδιος ἄνθρωπος, οὐδ' ἄλλο τι ζῶον, ὥστ' οὐδ' αἰ δεδεγμένοι ταῦτα χῶραι, γῆ καὶ ὕδωρ καὶ ἀήρ. ἐξ ὧν τὸ φθαρτὸν εἶναι τὸν κόσμον δῆλόν ἐστιν." Filo Alexandrino 'De aetern. mundi' 23-24, 117 ss., VI, p. 108 Cohn-Reiter. [I, 29.25] (SVF I, 106). Tradução de Roberto Radice.

puro, ou, como diz Crisipo, a luz.<sup>29</sup> Mas isso não tiraria da água seu protagonismo na transformação final, pois, sendo os astros corpos, o Sol deve, necessariamente, possuir, apesar de menor, um grau de umidade, sem o qual o fogo enquanto *pneuma* não poderia agir. Logo, o Sol só poderá dar início ao processo de transformação de todas as coisas quando começar a perder sua pouca umidade.

O terceiro ponto nos mostra que não existe *tonus* ‘que não possa ser rompido, mas apenas difícil de dissolver’. Assim como as águas deterioram as rochas, quanto mais o Fogo artífice se torna completo, mais o *tonus* de todas as coisas enfraquece, o que facilitaria o rompimento da unidade dos corpos.

O último ponto descreve que somos realidades formada nas mesmas bases fundamentais que criaram o Universo. Contudo, somos uma configuração particular, destacada dos outros seres; contudo, como demonstramos, isso não nos afasta de estarmos ligados ao destino do *Kosmos*. Ou seja, de forma gradual, nosso tónus também vai se enfraquecendo, corrompido gradual e continuamente pelos movimentos penumáticos.

### 1.3 A *Ekpyrosis* como purificação do mal no *Kosmos*

Por que a *ekpyrosis* ocorre? Podemos indicar duas razões. A primeira, voltando à imagem estoica de um Deus enquanto semente, Ele germina, desenvolve e produz seus frutos, os quais, por sua vez, contêm sementes para o surgimento de novas plantas e frutos. Nas plantas, as causas para esse ciclo são diversas: a luz do sol, os nutrientes do solo, a água, etc. Todavia, a causa para a semente divina germinar não é externa, mas uma atividade da própria semente. Como nos diz Long e Sedley,<sup>30</sup> não podemos confundir o Deus estoico com aquele ser que semeia e espera os frutos como resultado, pois na filosofia antiga do pórtico a própria semente nutre-se e se desenvolve tirando de si todas as coisas até que todo alimento tenha se transformado novamente na própria semente.

A segunda razão surge das seguintes passagens:

<sup>29</sup> “[...] o *Kosmos* necessariamente se transforma em chamas ou em raios de luz: em chamas, como acreditava Cleanthes; ou em raios de luz, como acredita Crisipo”. Philo, *Sobre a indestrutibilidade do Mundo*, 90 (SVF II, 611). Tradução de Roberto Radice.

<sup>30</sup> L.S. *Filósofos Helenísticos*, Vol I. p.277.

Sempre que eles [os estoicos] submetem o *Kosmos* à conflagração, nenhum mal permanece, mas o todo é então prudente e sábio.<sup>31</sup>

<Os estoicos, Crisipo e Zenão> aceitam a ideia de que haverá uma conflagração universal e uma purificação deste *Kosmos*; para alguns de todo o *Kosmos*, para outros de uma parte dele. Dizem que o *Kosmos* está parcialmente purificado e chamam a purificação sua quase ruína e a gênese de outro *Kosmos*.<sup>32</sup>

Mesmo nas situações consideradas comentadas como males, os estoicos ainda consideram o *Kosmos* racional: “E assim, segundo Zenão, Deus se mostrará um fator de males, uma vez que ele se diverte nos esgotos, vermes e outras obras não mencionáveis.”<sup>33</sup> “Os estoicos <dizem que a divindade é> um *pneuma* penetrante mesmo nas coisas imundas e fétidas.<sup>34</sup> “Certamente não passarei sobre os estoicos em silêncio, que dizem que o divino permeia todo material, mesmo o mais desonroso; estoicos que imperiosamente eles envergonham a filosofia.”<sup>35</sup> O que seria, então, esse mal e por que ele faz com que o *Kosmos* precise ser purificado? E se existe um mal, como o *Kosmos* pode ainda permanecer bom, belo e racional?

No mesmo livro, Crisipo também considera e discute essa questão, que ele acha que vale a pena investigar se as doenças dos homens vêm da natureza; isto é, seja a própria natureza, ou a Providência, se você preferir, que criou essa estrutura do universo e da raça humana, também criou as doenças, fraquezas e enfermidades corporais das quais a humanidade sofre. Ele, no entanto, não pensa que era intenção original da natureza tornar os homens sujeitos à doença; pois isso nunca seria consistente com a natureza como fonte e mãe de todas as coisas boas. ‘Mas’, disse ele, “quando ela estava criando e produzindo muitas coisas grandes que eram altamente adequadas e úteis, também produziam ao mesmo tempo problemas intimamente ligados às coisas boas que ela estava criando”; e declarou que estes não eram devidos à natureza, mas a certas consequências inevitáveis, processo que ele mesmo chama de *kata parakolouthesin*. ‘Exatamente como’, diz ele, ‘quando a natureza moldou os corpos dos homens, uma razão superior e a utilidade real do que ela estava criando exigia que a cabeça fosse feita de ossos muito delicados e pequenos. uma desvantagem externa, a saber, que a

<sup>31</sup> δεύτερον, ὅταν ἐκπυρώσωσι τὸν κόσμον οὗτοι, κακὸν μὲν οὐδ' ὅτι οὖν ἀπολείπεται, τὸ δ' ὅλον φρόνιμον ἔστι τῆνικαῦτα καὶ σοφόν· Plutarco, *Sobre as Concepções Comuns*, 1067 (SVF II, 606).

<sup>32</sup> προσδέχονται δὲ ἐχπύρωσιν ἔσεσθαι καὶ χάθαρσιν τοῦ κόσμου τούτου οἱ μὲν παντός, οἱ δὲ μέρους" καὶ κατὰ μέρος δὲ αὐτὸν καθαίρεσθαι λέγουσιν" καὶ σχεδὸν τὴν φθορὰν καὶ τὴν ἑτέρου ἐξ αὐτῆς γένεσιν κάθαρσιν ὀνομάξουσιν. Hippolytus. *Refutatio omnium haeresium* 21. Dox. Gr. p. 571, 20. (SVF II, 598). Tradução de Roberto Radice.

<sup>33</sup> Adv. Taziano. Graecos 'c. 3, p. 143 C. [I, 42,15] (SVF I, 159). Tradução de Roberto Radice.

<sup>34</sup> Sexto Empírico 'Pyrrh. Hypot. 'III, 218. (SVF I, 159). Tradução de Roberto Radice.

<sup>35</sup> Clemente de Alexandria 'Protrept'. P. 58 Pott. (SVF I, 159). Tradução de Roberto Radice.

cabeça estava apenas ligeiramente protegida e poderia ser danificada por pequenos golpes e choques. Da mesma forma, doenças e enfermidades foram criadas ao mesmo tempo que a saúde. Por meio de sua relação com a qualidade oposta, são produzidos ao mesmo tempo em que a virtude é criada para a humanidade por designio da natureza'.<sup>36</sup>

O termo *kata parakolouthesin* significa 'segundo os acontecimentos'. É uma cadeia de causas inevitáveis provocada pela interação dos elementos corpóreos que é iniciada pelo Fogo originário, gerando consequências que nem sempre vemos como adequada a nós. Entretanto, Crisipo nos diz que o que consideramos como 'males' do *Kosmos* são consequências de movimentos ordenados e racionais. Mas, para isso, devemos não atribuir à *physis* um caráter moral.

Vemos isso em Epicteto, o qual, da mesma forma, não enxerga essas consequências como males, pois o que entendemos nos afetar negativamente é uma forma de Zeus nos preservar enquanto não se qualifica por completo:

Mas o que diz Zeus? Epicteto, se fosse possível, eu teria libertado tanto o seu corpinho quanto a sua pequena propriedade e não o exporia a obstáculos. Mas agora não ignore isto: este corpo não é seu, mas é barro finamente temperado. E uma vez que não fui capaz de fazer por você o que mencionei, eu dei a você uma pequena parte de nós, esta faculdade de perseguir um objeto e evitá-lo, e a faculdade de desejo e aversão, e, em uma palavra, a faculdade de usar as representações...<sup>37</sup>

<sup>36</sup> Idem Chrysippus in eodem libro tractat consideratque dignumque esse id quaeri putat, el at *ἀνθρώπων νόσοι κατὰ θύσιν γίνονται* id est, si natura ipsa rerum vel providentia, quae compagem hanc mundi et genus hominum fecit, morbos quoque et debilitates et aegritudines corporum, quas patiuntur homines, fecerit. Existimat autem non fuisse hoc principale naturae consilium, ut faceret homines morbis obnoxios, numquam enim hoc convenisse naturae auctori parentique omnium rerum bonarum. " Sed cum multa," inquit, " atque magna gigneret pareretque aptissima et utilissima, alia quoque simul adgnata sunt incommoda his ipsis quae faciebat cohaerentia " ; eaque non per naturam, sed per sequellas quasdam necessarias facta dicit, quod ipse appellat *κατὰ παρακολούθησιν*. " Sicut," inquit, " cum corpora hominum natura fingeret, ratio subtilior et utilitas ipsa operis postulavit ut tenuissimis minusque ossiculis caput compingeret. Sed hanc utilitatem rei maiorem alia quaedam incommoditas extrinsecus consecuta est, ut fieret caput tenuiter munitum et ictibus offensionibusque parvis fragile. Proinde morbi quoque et aegritudines partae sunt, dum sal us paritur. Sicuthercle," inquit, "dum virtus hominibus per consilium naturae gignitur, vitia ibidem per adfinitatem contraria nata sunt." Aulio Gélío, *As Noites Áticas*, VII, 1. Tradução de John C. Rolfe, p.94-95.

<sup>37</sup> Ἀλλὰ τί λέγει ὁ Ζεὺς; "Ἐπίκτητε, εἰ οἶόν τε ἦν, καὶ ὁ σωματίον ἄν σου καὶ τὸ κτησίδιον ἐποίησα ἐλεύθερον καὶ ἀπαραπόδιστον. νῦν δέ, μή σε λανθανέτω, τοῦτο οὐκ ἔστιν σόν, ἀλλὰ πηλὸς κομψῶς πεφυραμένος. ἐπεὶ δὲ τοῦτο οὐκ ἠδυνάμην, ἐδώκαμέν σοι μέρος τι ἡμέτερον, τὴν δύναμιν ταύτην τὴν ὀρητικὴν τε καὶ ἀφορμητικὴν καὶ ὀρεκτικὴν τε καὶ ἐκκλητικὴν καὶ ἀπλῶς τὴν χρηστικὴν ταῖς φαντασίαις, ἧς ἐπιμελούμενος καὶ ἐν ἧ ταῖς σαντοῦ τιθέμενος οὐδέποτε κωλυθήσῃ, οὐδέποτε ἔμποδισθήσῃ, οὐ στενάξεις, οὐ μέμνη, οὐ κολακεύσεις οὐδένα. Epicteto. *Discursos*. 1.1.10-13. Tradução de R. D. HARD.

Conforme Epicteto, não cabe a Zeus nos proteger das consequências das interações dos elementos os quais todo o *Kosmos* está sujeito. Todavia, isso não indica indiferença nem irracionalidade da sua parte. Primeiro, porque a fragilidade do nosso corpo, representada pelo barro finamente temperado (*pelos kompsos pephyramenos*), é acompanhada pelo *logos* divino. O que nos dá uma capacidade de compreender o *kata parakolouthesin* não como um mal normativo, mas como uma consequência inevitável da criação. Daí a importância para Epicteto de entendermos a morte como algo natural, pois, atribuindo à natureza um caráter normativo, a vida seria não mais do que uma tortura eterna, sendo que a única forma que teríamos para escapar seria não nos exposto aos conjuntos de causas do mundo. Mas, para isso, precisaríamos estar em forma de puro fogo. E, se assim o fosse, ou não existiríamos ou não seríamos mais humanos, mas a representação da própria divindade. Ou seja, o que Epicteto nos mostra é um Deus que cuida e mantém o mundo enquanto não se completa. E, enquanto isso não ocorre, podemos nos beneficiar através da nossa capacidade de compreensão da bela ordem cósmica. E uma forma de fazermos isso é não considerarmos as coisas externas individualmente, pois não podem têm valor por si, todavia, quando tomadas em conjunto, revelam a providência (*pronoia*) e a bondade divinas.<sup>38</sup>

Como então se diz, das coisas externas, que umas são segundo a natureza e outras contra a natureza? Do mesmo modo que nós dizemos ‘separados’. Pois para o pé digo ser segundo a natureza estar limpo. Mas se o tomas como pé e como não separado, será conveniente para ele tanto entrar na lama, quanto ferir-se em um espinho e, às vezes, também ser amputado pelo <bem do> todo. Caso contrário, não será um pé. É preciso suportar algo semelhante sobre nós mesmos. O que és? Ser humano. Se te consideras como algo separado, é segundo a natureza viver até à velhice, enriquecer, ser saudável. Mas se consideras como humano e parte de um todo, por esse todo ora te é conveniente adoecer, ora navegar e correr perigo, ora passar por necessidade e às vezes morrer antes da hora. Por que te irritas tanto? Não sabes que aquilo não é mais que um pé? Assim também não és tu humano? Parte da cidade: da primeira, dos Deuses e dos humanos, depois desta que é dita a mais próxima, que é uma pequena imitação da totalidade.<sup>39</sup>

Epicteto afirma que o que consideramos males surge de uma má interpretação da realidade. Não somos partes separadas do todo, e, se este é o caso, somos atingidos pelos efeitos causais. As doenças, a morte precoce e todos os perigos que ameaçam a vida nada

<sup>38</sup> DINUCCI, Aldo, Manual Moderno de Estoicismos: *A visão estoica do mundo*.

<sup>39</sup> Epicteto, *Diatribes* 2.5 – *Como conciliar grandeza da alma e cuidado*, in DINUCCI, Aldo, Manual Moderno de Estoicismos: *A visão estoica do mundo*. Tradução de Aldo Dinucci.

mais são do expressões de uma Natureza universal agindo em nossa natureza individual, não o resultado de uma má conduta da divindade. Por isso que não devemos julgar o que acontece no âmbito particular com um mal, pois assim como sujamos o pé quando entramos na lama ou sacrificamos um dos órgãos para o bem do corpo, não pode haver mal do *Kosmos*:

[...] muitas coisas que acontecem parecem intencional ou malignamente se opor à nós, o que não é o caso. Por exemplo, se uma árvore cai sobre alguém causando ferimentos, não devemos ver tal fato como algo determinado pela Natureza contra aquele indivíduo. A árvore caiu por causas naturais, e o indivíduo simplesmente estava no lugar errado no que se refere à sua integridade física, do mesmo modo que um pé se enlameia ou se corta porque um homem precisa atravessar a pé um terreno difícil. Do mesmo modo, muitas vezes somos alvejados por seres humanos, sendo roubados, agredidos, injustiçados e, às vezes, até mesmo mortos. Mais uma vez, houve uma conjunção de fatores que nos levou a conhecer pessoas más e não as reconhecer como tais, como passar inadvertidamente por lugares perigosos e ser assaltado. As pessoas más, quer dizer aquelas que agem egoisticamente e sem visão da totalidade, são assim porque não puderam ser de outra forma. Nós mesmos, que não as reconhecemos como tais e fomos inocentemente ao seu encontro, igualmente não pudemos nos resguardar. Em suma, como brilhantemente sintetizou o romancista francês André Gide, as coisas são como são porque não puderam ser de outra forma. Isso não significa que acontecem por um decreto divino, mas que ocorrem como efeitos colaterais das redes de causalidade cósmicas. No âmbito da objetividade, quando interagimos com seres inanimados e animais irracionais, as leis da física e da biologia determinam as redes causais.<sup>40</sup>

Entretanto, para ter essa a visão do todo, é preciso que desenvolvamos a capacidade de ver conjuntamente as coisas que ocorrem no *Kosmos*:

Se alguém possui em si mesmo estas duas capacidades, é fácil elogiar a Providência (*pronoia*) por cada uma das coisas que acontecem no *Kosmos*: ver em conjunto o que acontece a cada um e ser grato. Caso contrário, não verá a utilidade do que acontece e não dará graças por elas nem se as vir.<sup>41</sup>

Convém, também, observar que inclusive as mudanças das coisas naturais têm algum encanto e atrativo. Por exemplo, o pão, ao ser assado, abre-se em certas partes; essas aberturas que se formam e que, de certo modo, são contrárias à promessa da arte do padeiro, são adequadas, e excitam singularmente o apetite... Assim, também, as azeitonas, que ficam maduras

<sup>40</sup> DINUCCI, Aldo, Manual Moderno de Estoicismos: *A visão estoica do mundo*.

<sup>41</sup> Ἀφ' ἐκάστου τῶν ἐν τῷ κόσμῳ γινόμενων ῥᾶδιόν ἐστιν ἐγκωμιάσαι τὴν πρόνοιαν, ἂν δύ<ο ἔχη τις> ταῦτα ἐν ἑαυτῷ, δύνανται τε συνορατικὴν τῶν γεγονότων ἐκάστῳ καὶ τὸ εὐχάριστον. εἰ δὲ μή, ὁ μὲν οὐκ ὄψεται τὴν εὐχρηστίαν τῶν γεγονότων, ὁ δ' οὐκ εὐχαριστήσῃ ἐπ' αὐτοῖς οὐδ' ἂν <ἴδῃ>. Epicteto, *Diatribes* 1.6.2.1-2. Tradução Aldo Dinucci.

nas árvores, e sua mesma proximidade à podridão acrescenta ao fruto uma beleza singular. Igualmente...o pelo do leão e a espuma que brota do focinho dos javalis e muitas outras coisas, examinadas em particular, estão longe de serem belas. Entretanto, ao ser consequência de certos processos naturais, apresentam um aspecto belo e são atrativas. De maneira que, se uma pessoa tem sensibilidade e inteligência suficientemente profunda para captar o que acontece no conjunto, quase nada lhe parecerá, inclusive entre as coisas que acontecem por efeitos secundários, não conter algum encanto singular. E essa pessoa verá as goelas ameaçadoras das feras com o mesmo agrado que todas as suas reproduções realizadas por pintores e escultores. Inclusive, poderá ver com seus sagazes olhos certa plenitude e maturidade na anciã e no ancião e, também, nas crianças, seu amável encanto. Muitas coisas semelhantes não se encontrarão ao alcance de qualquer um, mas, exclusivamente, para o que de verdade esteja familiarizado com a natureza e suas obras<sup>42</sup>

Por um lado, a força divina ativa mantém tudo de acordo com sua ordem, conservando a estrutura do *Kosmos* ao propiciar as ferramentas adequadas a cada ser. Mas esse mesmo Deus, em sua contínua e crescente qualificação; em sua nutrição necessária para a criação de outro ordenamento, desagrega o conjunto de corpos fazendo com que o *Kosmos* se degenere em *akosmia*. Desta forma, a *ekpyrosis* pode ser entendida como o resultado da *boulesis* de um Deus que, na ‘impossibilidade’ de preservar a sua criação ao impedir seu desgaste por conta das diversas interações e sua completude, faz com que todas as coisas retornem a si para em seguida entregá-las novamente ao vazio, em um ciclo eterno. Daí que, mesmo em desarmonia, o estoicos considerarem o *Kosmos* racional. E, se assim o é, devemos buscar esse mal não na Natureza, mas em um tipo particular de corpo: o ser humano. Para isso, veremos como se dá a relação entre o movimento universal e individual.

#### 1.4. *Ekpyrosis* Individual

Ao analisar acerca da circularidade do tempo no estoicismo, Levy<sup>43</sup> nos mostra através da Filosofia de Sêneca como isso se expressa tanto no nível cósmico como no individual. No nível cósmico, a circularidade do tempo se dá pela ocorrência da *ekpyrosis*: o *Kosmos* é

<sup>42</sup> Marco Aurélio, *Meditações*, 3.2. Tradução de Thainara Castro Lima. Vale destacar a belíssima descrição do paraibano Augusto do Anjos: “Podre meu Pai! A morte o olhar lhe vidra. Em seus lábios que os meus lábios osculam. Micro-organismos fúnebres pululam numa fermentação gorda de cidra. Duras leis as que os homens e a hórrida hidra a uma só lei biológica vinculam e a marcha das moléculas regulam, com a invariabilidade da clepsidra!... Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos roída toda de bichos, como os queijos sobre a mesa de orgíacos festins!... Amo meu Pai na atômica desordem entre as bocas necrófagas que o mordem e a terra infecta que lhe cobre os rins!?”. *Eu e outras poesias*, Organização e Introdução de Alexei Bueno.

<sup>43</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p. 496. Minha Tradução do Francês.

frequentemente reestabelecido a uma condição de uma existência por si. Já no nível individual, há um movimento eterno pelo qual a ordenação (*diakosmesis*) do mundo entra em uma nova fase. Isso faz da *ekpyrosis* e da *diakosmesis* “dois aspectos de uma mesma realidade, a do Deus-razão que ora se recolhe em si mesmo, ora governa o mundo como o *hegemonikon* governa o corpo humano”.<sup>44</sup> Temos exemplos desses dois aspectos na *Consolação a Márcia*,<sup>45</sup> pelo quais a ordem do *Kosmos* e dos seres humanos compartilham do mesmo processo de desagregação de elementos, que, ao final, se dissolvem nas chamas que formarão um único incêndio no dia da reconstrução do Universo. Todavia, nos informa Levy,<sup>46</sup> nas *Questões Naturais* (III, 27), o mesmo Sêneca, não fala de uma *ekpyrosis*, mas de um dilúvio que a tudo consome:

---

<sup>44</sup> *Ibidem, Loc. Cit.*

<sup>45</sup> Nam si tibi potest solacio esse desiderii tui commune fatum, nihil quo stat loco stabit, omnia sternet abducatque secum vetustas. Nec hominibus solum (quota enim ista fortuitae potentiae portio est?), sed locis, sed regionibus, sed mundi partibus ludet. Totos supprimet montes et alibi rupes in altum novas exprimet; maria sorbebit, flumina avertet et commercio gentium rupto societatem generis humani coetumque dissolvit; alibi hiatibus vastis subducet urbes, tremoribus quatiet et ex infimo pestilentiae halitus mittet et inundationibus quicquid habitatur obducet necabitque omne animal orbe submerso et ignibus vastis torrebit incendetque mortalia. Et cum tempus advenerit, quo se mundus renovaturus extinguat, viribus ista se suis caedent et sidera sideribus incurrent et omni flagrante materia uno igni quicquid nunc ex disposito lucet ardebit. Nos quoque felices animae et aeterna sortitae, cum deo visum erit iterum ista moliri, labentibus cunctis et ipsae parva ruinae ingentis accessio in antiqua elementa vertemur. Pois, se você pode encontrar no pensamento do destino comum um consolo para o seu luto, não há nada que possa ficar em seu lugar, nada que o tempo não possa reverter e colocar cedo ou tarde em seu curso, e não é somente dos humanos que tratará (que são os humanos no infinito domínio em que a Fortuna exerce seu poder?), mas lugares, regiões, diferentes partes do universo. Ele aplainará montanhas e fará surgir além novos cumes escarpados; ele secará os mares, desviará os rios e, suprimindo as comunicações entre os povos, abolirá a sociedade e a união do gênero humano; além, ele abrirá fendas formidáveis que engolirão as cidades, ou as agitará com tremores de terra; ele fará nascer o sol dos vapores pestilentos; ele cobrirá com inundação a superfície do mundo habitado e fará perecer sob as vagas todas as espécies animais, ele espalhará chamas devastadoras que consumirão e devorarão tudo o que respira. E, quando for chegada a hora em que o mundo deve ser aniquilado para se renovar totalmente, toda a substância se destruirá, os astros se chocarão contra os astros, o fogo queimará o universo, e todos estes corpos luminosos, que brilham em uma ordem tão bela hoje, não formarão senão a chama de um vasto e único incêndio. Nós mesmos, almas afortunadas, que temos a eternidade como herança, no dia em que deus julgar bom reconstituir o Universo, nós não seremos, no meio do caos geral, senão um detalhe a mais na grande catástrofe, e voltaremos a nos perder no seio dos elementos primeiros.” Sêneca, *Consolação a Márcia*, XXVI, 6-7. Tradução de Monica Seincman. Ver também na *Consolação a Políbio*, I: Urbes ac monumenta saxo structa, si vitae nostrae compares, firma sunt; si redigas ad condicionem naturae omnia destruentis et unde edidit eodem revocantis, cadaua sunt. Quid enim immortale manus mortales fecerunt? Septem illa miracula et si qua his multo mirabiliora sequentium annorum extruxit ambitio aliquando solo aequata visentur. Ita est: nihil perpetuum, pauca diuturna sunt; aliud alio modo fragile est, rerum exitus variantur, ceterum quicquid coepit et desinit. [...] Cidades e monumentos de pedras, se comparares à nossa, são resistentes; se remeteres à condição da natureza, que tudo destrói e chama ao mesmo lugar de onde fez surgir, são frágeis. Enfim, o que fizeram de imortal mãos mortais? Aquelas sete maravilhas e, se a ambição dos anos subseqüentes eventualmente erigiu outras muito mais admiráveis do que elas, um dia serão vistas niveladas ao solo. É assim: nada é perpétuo, poucas coisas, duradouras; cada uma, à sua maneira, frágil; variam seus destinos, mas tudo começa e acaba. Tradução de Matheus Trevizam e Ana Araújo Grossi Ribeiro.

<sup>46</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p. 496.

Mas o lugar me instrui a indagar, quando chegar o dia fatal da enchente, como grande parte da terra é inundada pelas ondas; seja causado pelo calor do oceano, e o oceano externo se agita contra nós, ou as chuvas frequentes sem intervalo, e o inverno persistente no verão quente, despejam a imensa inundação de água com nuvens quebradas; que a razão concorde e, ao mesmo tempo, as chuvas cairão, os rios aumentarão, os mares agitarão seus assentos e todos marcharão em um só comboio para a destruição da raça humana.<sup>47</sup>

Na obra *Dos Benefícios*, ao se dirigir a um adversário que se recusa a acreditar que a ordem cósmica foi concebida pela providência para o homem, concordando com o pensamento estóico, Sêneca afirma: “que o fogo possua todas as coisas, que então nos alcançará preguiçosamente e engolirá os deuses em uma rede profunda e furiosa”.<sup>48</sup> Levy considera esse texto uma espécie de deslize de Sêneca, pois, de fato, substituir a *ekpyrosis* do fogo artífice por uma aniquilação total do mundo não é uma ideia defendida por Sêneca nem por quaisquer outros estoicos.

No exemplo de Cremuzio Cordo, a alma do sábio é apenas “uma pequena queda, uma grande adição”<sup>49</sup> que se juntará ao fogo original, e a felicidade do filho morto de Márcia está no conhecimento do que será do mundo, não na eternidade de sobrevivência individual: “feliz seu filho, Márcia, que já sabe dessas coisas”.<sup>50</sup>

Todos esses testemunhos mostram como Sêneca aceita o conceito da *ekpyrosis*. Contudo, Levy afirma que sua preocupação está mais em como o homem deve envelhecer do que em uma renovação cosmológica.<sup>51</sup> E é justamente por conta dessas constantes renovações e destruições que Levy procura articular a relação entre a história do *Kosmos* e a humana, um movimento importante para entendermos como o comportamento humano pode ser afetado pelo movimento cosmológico.

Um dos textos que melhor descreve essa articulação é a *Epístola 71*, na qual Sêneca toma Catão como modelo de comportamento virtuoso:

---

<sup>47</sup> Sed monet me locus ut quaeram, cum fatalis dies diluuii uenerit, quemadmodum magna pars terrarum undis obruatur; utrum oceani uiribus fiat et externum in nos pelagus exurgat, an crebri sine intermissione imbres et elisa aestate hiems pertinax immensam uim aquarum ruptis nubibus deiciat, an flumina tellus largius fundat aperiatque fontes nouos, an non sit una tanto malo causa sed omnis ratio consentiat et simul imbres cadant, flumina increscent, maria sedibus suis excita procurrant et omnia uno agmine ad exitium humani generis incumbant. Seneca, *Naturales Quaestiones*, III, 27.

<sup>48</sup> Ignis cuncta possidat, quem deinde pigra nos occupiet et profunda uorago tor deos sorbeat. Sêneca, *De Beneficiis*, VI 22. Apud Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p. 496.

<sup>49</sup> Parua ruinae ingentes accessio. Sêneca, *Epístola I*, 2. Apud *Ibidem*, p. 498.

<sup>50</sup> Felicem filium tuum, Marcia, qui ista iam nouit. *Loc. Cit.* Apud *Loc. Cit.*

<sup>51</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p. 496.

"Ele foi conquistado apesar de tudo!" Bem, você pode incluir isso entre os "fracassos" de Catão; Catão suportará com um coração igualmente forte tudo o que o impeça sua vitória, como suportou o que o impediu de sua pretoria. O dia em que ele falhou na eleição, ele passou em jogo; a noite em que pretendia morrer, passou lendo. Ele considerou sob a mesma luz tanto a perda de sua pretoria como a perda de sua vida; ele havia se convencido de que deveria suportar qualquer coisa que pudesse acontecer. Por que ele não deveria sofrer, com bravura e calma, uma mudança de governo? Pois o que está livre do risco de mudança? Nem terra, nem céu, nem todo o tecido do nosso universo, embora seja controlado pela mão de Deus. Nem sempre preservará sua ordem atual; ela será lançada de seu curso nos próximos dias. Todas as coisas se movem de acordo com seus tempos designados; eles estão destinados a nascer, crescer e ser destruídos. As estrelas que você vê se movendo acima de nós, e esta terra aparentemente imóvel à qual nos apegamos e na qual estamos assentados, será consumida e deixará de existir. Não há nada que não tenha sua velhice; os intervalos são meramente desiguais em que a Natureza envia todas essas coisas para o mesmo objetivo. O que quer que seja deixará de ser e, no entanto, não perecerá, mas será dissolvido em seus elementos. Para nossas mentes, esse processo significa perecer, pois contemplamos apenas o que está mais próximo; nossa mente preguiçosa, subordinada ao corpo, não penetra além dos limites. Se não fosse assim, a mente suportaria com maior coragem o seu próprio fim e o de suas posses, se ao menos pudesse esperar que a vida e a morte, como todo o universo ao nosso redor, passem por turnos, que tudo o que foi reunido seja quebrado novamente, que tudo o que foi quebrado seja reunido novamente e que a eterna obra de Deus, que controla todas as coisas, está trabalhando nesta tarefa. Portanto, o sábio dirá exatamente o que diria um Marco Catão, depois de revisar sua vida passada: 'Toda a raça humana, tanto o que é como o que há de ser, está condenada a morrer. De todas as cidades que em qualquer tempo dominou o mundo, e de tudo o que foram os esplêndidos ornamentos de impérios que não são seus, os homens algum dia perguntarão onde eles estavam e serão varridos por destruições de vários tipos; alguns serão arruinados por guerras, outros serão consumidos pela inatividade e pelo tipo de paz que termina em preguiça, ou por aquele vício que é repleto de destruição mesmo para dinastias poderosas – o luxo. Todas essas planícies férteis serão deixadas fora de vista por um transbordamento do mar, ou um deslizamento do solo, à medida que ele se instala em níveis mais baixos, os atrairá de repente para um abismo. Por que então eu deveria ficar com raiva ou sentir tristeza, se eu preceder a destruição geral por um pequeno intervalo de tempo? Que as grandes almas cumpram os desejos de Deus e sofram sem hesitação qualquer destino que a lei do universo ordene; pois a alma na morte ou é enviada para uma vida melhor, destinada a habitar com a divindade em meio ao maior esplendor e calma, ou então, pelo menos, sem sofrer nenhum dano a si mesma, ela será misturada à natureza novamente e retornará à natureza.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> "Victus est tamen." Et hoc numera inter repulsas Catonis ; tarn magno animo feret aliquid sibi ad victoriam quam ad praeturae obstiterit. Quo die repulsus est, lusit, qua nocte periturus fuit, legit. Eodem loco habuit praeturae et vita excidere ; omnia, quae acciderent, ferenda esse persuaserat sibi. Quidni ille mutationem rei publicae forti et aequo pateretur animo? Quid enim mutationis periculo exceptum ? Non terra, non caelum, non totus hic rerum omnium contextus, quamvis deo agente ducatur. Non semper tenebit hunc ordinem, sed illum ex hoc cursu aliquis dies deiciet. Certis eunt cuncta temporibus ; nasci debent, crescere, extingui. Quaecumque supra nos vides currere, et haec,

Pelo exposto, o comportamento de Catão, impassível diante das dificuldades que o assolaram, corresponde a um homem que possui o conhecimento correto sobre natureza, o qual lhe permite compreender que não pode sofrer realmente nenhum mal. No entanto, para Levy, essa passagem traz uma ambiguidade: por que ele não deveria sofrer, mesmo com bravura e calma, uma mudança de governo? O problema é que a impassibilidade de Catão diante da queda da República pode ser vista também como uma não aceitação da mudança.<sup>53</sup> Todavia, para P. Veyne, isso não seria o caso, pois “com o envelhecimento do mundo, a monarquia é fatal e Catão deveria tê-la entendido”.<sup>54</sup>

A ideia de P. Veyne nos faz entender que o movimento ekpirótico influencia a história humana. Entretanto, Levy discorda dessa afirmação por acreditar que contradiz o contexto. Seu argumento é que, de fato, Sêneca faz Catão aceitar o fato da inevitabilidade da mudança de regime, mas também o coloca em um lugar onde não cabe mais sua presença. Ele cumpre, dessa forma, o pensamento estoico de participação do sábio na vida da cidade, deixando-a por não ser mais adequada.<sup>55</sup> “a morte é o caminho escolhido por Catão para mostrar sua submissão à ordem do mundo e sua liberdade de César.”<sup>56</sup> Ou seja, apesar da história do Universo e a humana serem cíclicas, a última não se trata de uma *ekpyrosis*, mas de como a história humana se desenvolve:

---

quibus inmixti atque inpositi sumus veluti solidissimis carpentur ac desinent. Nulli non senectus sua est; inaequalibus ista spatiis eodem natura dimittit. Quicquid est, non erit, nee peribit, sed resolvitur. Nobis solvi perire est, proxima enim intuemur; ad ulteriora non prospicit mens hebes et quae se corpori addixerit; alioqui fortius finem in suorumque pateretur, si speraret, ut in omnia illa, sic vitam mortemque per vices ire et composita dissolvi, dissoluta componi, in hoc opere aeternam artem cuncta temperantis dei verti. Itaque ut M. Cato, cum aevum animo percucurrerit, dicet: "omne humanum genus, quodque est quodque erit, morte damnatum est. Omnes, quae usquam rerum potiuntur urbes quaeque alienorum imperiorum magna sunt decora, ubi fuerint, aliquando quaeretur et vario exitii genere tollentur; alias destruent bella, alias desidia paxque ad inertiam versa consumet et Magnis opibus exitiosa res, luxus. Omnes hos fertiles campos repentina maris inundatio abscondet aut in subitam cavernam consistentis soli lapsus abducat. Quid est ergo quare indigner aut doleam, si exiguo momento publica fata praecedo?" Magnus animus deo pareat et quicquid lex universi iubet, sine cunctatione patiatur; aut in meliorem emittitur vitam lucidius tranquilliusque inter divina mansurus aut certe sine ullo futuro incommodum sui naturae remiscebatur et revertetur in totum. Sêneca, *Epístolas*, 71, 10-16. Tradução de R. M. Gummere.

<sup>53</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p.499.

<sup>54</sup> P. Veyne, *Sêneca*, Entrevistas, Cartas a Lucílio, Paris, 1993, p. 787. Apud Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p.499.

<sup>55</sup> Estobeu, *Eclogae* II, 111, 3 W. “O homem sábio às vezes será rei e viverá com um rei que mostra boa índole e amor ao conhecimento. No discurso anterior afirmamos que ele também pode participar da vida política, mas não no caso de algo o impedir e, sobretudo, no caso de que isso não seja benéfico para seu país, e se ele conceber que grandes e severos perigos se seguem.” (*SVF* III, 690). Tradução de Roberto Radice.

<sup>56</sup> P. Veyne, *Sêneca*, Entrevistas, Cartas a Lucílio, Paris, 1993, p.787. Apud Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p.499.

Ele sabe, diz o texto explicitamente, que, como a do Universo, a história humana é cíclica, feita de recomposições sucessivas. Ao contrário das cartas que citei anteriormente, esta reproduz fielmente, embora não se trate de uma conflagração universal, mas de uma dissolução, os ritmos da história do mundo: ‘as estrelas que você vê se movendo acima de nós, e esta terra aparentemente imóvel à qual nos apegamos e na qual estamos assentados, será consumida e deixará de existir. Não há nada que não tenha sua velhice; os intervalos são meramente desiguais em que a Natureza envia todas essas coisas para o mesmo objetivo.’ A *diacosmese* é evocada no parágrafo seguinte: ‘O composto se dissolve, o corpo dissolvido se recompõe, nesse campo circular se realiza o trabalho do moderador das coisas, do deus artesão’. Mas o Sêneca fascinado pelo tema da destruição do mundo continua muito presente mesmo assim. Catão entendeu, diz ele, que, como o mundo, ‘toda a humanidade futura está condenada à morte’.<sup>57</sup>

Levy critica o posicionamento de P. Veyne por associar o desenvolvimento da história humana ao envelhecimento do mundo ao afirmar que a mudança de regime não pode ser semelhante a uma *ekpyrosis*, mas sim como uma dissolução de um ordenamento. Contudo, ao afirmar que todas as coisas, apesar de envelhecerem em intervalos desiguais, alcancem o mesmo destino, não estaria Sêneca considerando a morte humana também como um momento ekpyrótico?

Mucio colocou sua mão no fogo. É doloroso ser queimado. No entanto, a maior dor é infligir tal sofrimento a si mesmo! Aqui estava um homem que não tinha conhecimento, não preparado para enfrentar a morte e o sofrimento por quaisquer palavras de sabedoria, e equipado apenas com a coragem de um soldado, que se puniu por sua ousadia infrutífera; ele se levantou e observou sua própria mão direita caindo aos poucos no braseiro do inimigo; nem retirou o membro em dissolução, com seus ossos descobertos, até que seu inimigo removeesse o fogo. Ele pode ter conseguido algo mais bem-sucedido naquele acampamento, mas nunca algo mais corajoso. Veja como um homem corajoso é mais ansioso para lançar mão do perigo do que um homem cruel para infligir: Porsena estava mais pronta para perdoar Mucius por querer matá-lo do que Mucius para perdoar a si mesmo por não ter matado Porsena!<sup>58</sup>

<sup>57</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p. 499.

<sup>58</sup> Mucius ignibus manum inposuit. Acerbum est uri ; quanto acerbius, si id te faciente patiaris ! Vides hominem non eruditum nee ullis praeceptis contra mortem aut dolorem subornatum, militari tantum robore instructum, poenas a se inriti conatus exigentem ; spectator destillantibus in hostili foculo dexterae stetit nee ante removit nudis ossibus fluentem manum, quam ignis illi ab hoste subductus est. Facere aliquid in illis castris felicius potuit, nihil fortius. Vide quanto acrior sit ad occupanda pericula virtus quam crudelitas ad inroganda : facilius Porsenna Mucio ignovit, quod voluerat occidere, quam sibi Mucius, quod non occiderat. Sêneca, *Cartas*, XXIV. 5. Tradução de R. M. Gummere.

Sêneca expõe Múcio como um homem sem cultura filosófica, aquele que não compreende a racionalidade da natureza do todo. Sua virtude encontra-se no bom exercício das funções bélicas. Entretanto, Levy retira desse exemplo um aspecto não explicitado por Sêneca: “o ato de Múcio é uma *ekpyrosis* individual que foi interrompida apenas pela vontade do rei”.<sup>59</sup> Da mesma forma que o *Kosmos* é transformado na conflagração universal sem perder nada de sua racionalidade, o soldado deixa-se queimar de forma impassível: “sua virtude permanece perfeita, enquanto o corpo é consumido.”<sup>60</sup>

Excetuando a diferença óbvia de tempo em que ocorre a *ekpyrosis* e a morte humana, podemos traçar algumas semelhanças entre ambos:

Mas, se a morte, dizem os seguidores de Athenaeus de Attalia, é fria e seca, necessariamente a vida, como seu oposto, é quente e úmida. E se, dizem eles, a vida é quente e úmida, é necessário que aquilo que está mais próximo da vida também seja a mistura mais excelente de todas; e se assim for, é bastante claro que é de longe a melhor temperatura. Assim, eles afirmam que uma natureza úmida e quente e um bom clima são equivalentes, e que um bom clima nada mais é do que a preeminência de umidade e calor. Estes são os discursos dos seguidores da Academia; mas parece que essa também é a opinião do filósofo Aristóteles, de Teofrasto e, depois dele, dos estoicos.<sup>61</sup>

Em síntese: (i) a *ekpyrosis* acontece pela perda de umidade, por conta da ‘alma do mundo’ crescer até ela ter usado a matéria completamente: a morte do ser vivo acontece pela perda de equivalência entre umidade e calor, ou seja, assim como na *ekpyrosis*, a qualidade dos elementos ativos deve estar desequilibrada para que haja um rompimento do composto; (ii) o *Kosmos* como um todo envelhece, se desgasta e é transformado, assim como os seres humanos envelhecem e morrem; (iii) a morte humana é separação alma/corpo: a *ekpyrosis* é separação e dissolução dos compostos em um só elemento. Ou seja, a única diferença física entre os dois movimentos (o de *ekpyrosis* cósmica e individual) é que, como já vimos, o *Kosmos* se degenera contínua e lentamente, enquanto os seres humanos sofrem uma

<sup>59</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p. 499.

<sup>60</sup> *Ibidem*, *Loc. Cit.*

<sup>61</sup> ἄλλ' εἶπερ ὁ θάνατος, φασί, τοιοῦτος, ἀναγκαῖον ἤδη τὴν ζωὴν, ὡς ἂν ἐναντίαν οὖσαν αὐτῷ, θερμὴν τ' εἶναι καὶ ὑγρὰν· καὶ μὴν εἶπερ ἡ ζωὴ, φασί, θερμὸν τι χρῆμα καὶ ὑγρὸν, ἀνάγκη πᾶσα καὶ τὴν ὁμοιωτάτην αὐτῇ κρᾶσιν ἀρίστην ὑπάρχειν· εἰ δὲ τοῦτο, παντί που δῆλον, ὡς εὐκρατοτάτην, ὥστ' εἰς ταῦτο συμβαίνειν ὑγρὰν καὶ θερμὴν φύσιν εὐκράτῳ καὶ μηδὲν ἄλλ' εἶναι τὴν εὐκρᾶσιν ἢ τῆς ὑγρότητός τε καὶ θερμότητος ἐπικρατούσης. οἱ μὲν δὴ τῶν ἀμφὶ τὸν Ἀθηναίων λόγοι τοιοῦδε. δοκεῖ δὲ πως ἡ αὐτὴ δόξα καὶ Ἀριστοτέλους εἶναι τοῦ φιλοσόφου καὶ Θεοφράστου γε μετ' αὐτὸν καὶ τῶν Στωϊκῶν... Galeno 'De temperamentis' I, 3, I, p. 523 K. SVF II, 770. Tradução de Roberto Radice.

degeneração mais veloz comparada com a do *Kosmos*,<sup>62</sup> o que demonstra que os humanos têm sua própria *ekpyrosis* individual. Mas, enquanto espécie, no final, ou no começo de uma nova ordem, tudo retornará ao mesmo elemento primordial.

## **2. A Relação entre o movimento de corrupção do *Kosmos* e o comportamento humano: a *Epístola 90*.**

Segundo Filo, para os estóicos, os primeiros seres animados a existir foram os peixes.<sup>63</sup> Depois deles, não temos nenhuma informação sobre a ordem temporal da criação das espécies ou como se deu o processo inicial de relacionamento entre os próprios humanos e os existentes na natureza. No entanto, em sua carta 90, Sêneca oferece uma descrição da relação entre a humanidade e a natureza desde o início do *Kosmos*. Na obra, ele atribui a Possidônio a tese de que houve uma época em que humanos sábios detinham o poder político autorizado por pessoas igualmente virtuosas: uma época denominada *A Era de Ouro* (*saeculo quod aureum*). Contudo, sua crítica repousa na ideia de que nessa época não havia humanos sábios, por ser essa uma característica propiciada pelo uso da Filosofia, ferramenta dispensável para um período em que a virtude não era um conhecimento sobre o que é bom, mau ou indiferente. Por ser assim, as coisas eram criadas para o seu devido uso, o que culmina em uma relação harmoniosa com a natureza, impedindo o surgimento dos vícios. É uma época em que *Kosmos* e seres humanos estão recentes, o que deixa entrever, que ainda não sentiam os efeitos de um movimento de corrupção cosmológico.

O texto inicia mostrando a vida como uma dádiva divina. Dádiva porque nos foi dada a capacidade de agir tendo como base aquilo que Epicteto afirma ser uma parte divina em nós, a racionalidade.<sup>64</sup> É com ela que fomos capazes de criar a Filosofia, um instrumento, conquistado com esforço, por não ser fruto direto de uma providência divina, mas de uma razão pela qual podemos descobrir a verdade sobre as coisas humanas e divinas. Como afirma Sêneca, nada digno e reverente há em coisas fornecidas de forma gratuita:

<sup>62</sup> Zenão disse que o tempo é uma dimensão do movimento e que é a medida e o critério da velocidade e lentidão que cada corpo possui. De acordo com o tempo, todas as coisas estão em movimento [...]. Estobeu, *Éclogas*, I, 8, 40e, p. 104, 7 W. [I, 26,10] (*SVF I*, 93).

<sup>63</sup> Filo Alexandrino, *De opificio mundi*, 66, I, p. 2. (*SVF II*, 722).

<sup>64</sup> Epicteto. *Discursos*. 1.1.10-13. Tradução de R. D. HARD.

O conhecimento disso [da Filosofia] eles, de fato, não deram a ninguém; mas a possibilidade de adquiri-lo, a todos. Pois se a tivessem tornado um dom comum a todos os humanos, e se tivéssemos nascido sábios, faltaria à sabedoria o que há de melhor nela – que não está entre os dons da fortuna.<sup>65</sup>

Na linha do pensamento estoico, Sêneca compreende o indispensável papel da natureza para lidarmos com a vida.<sup>66</sup> Contudo, isso não significa que devemos deixar a seu encargo o uso que fazemos dela, pois é essa mesma razão que nos permite agir conforme nossas escolhas (*voluntas*). E a parte que nos compete inclui criar maneiras de lidar com a vida de forma harmônica e eficaz. Uma forma de fazer isso é através da Filosofia, um instrumento criado por humanos sábios com o objetivo de unir religião, piedade e justiça (*religio, pietas, iustitia*) e todas as virtudes, na tentativa de restaurar uma comunhão (*comitatus*) entre humanos e deuses violada no momento em que surge a ganância (*avaritia*), um desejo humano de não apenas possuir uma coisa, mas todas elas.

Se o papel da Filosofia consiste em restaurar uma comunhão perdida, houve um tempo, então, em que sua existência não era necessária. Um tempo em que os primeiros humanos e seus descendentes eram submetidos às leis de um líder, o qual sabia julgar o que era melhor para todos, fato que o tornava superior aos demais.<sup>67</sup> Diferente dos outros animais, cuja natureza não inclui o uso de conteúdos proposicionais, entre os quais o mais forte fisicamente tem o direito natural de comandar, os seres humanos eram valorizados por sua incipiente capacidade intelectual, fazendo daquele que a bem usasse um líder. Mas essa autoridade não era conquistada de forma violenta, pelo contrário, Sêneca considerava os povos mais felizes aqueles que entendiam que o humano mais poderoso era o que compreendia a impossibilidade de fazer o que não era devido, o que o tornava um ser autorizado a fazer tudo, pois sempre seria o melhor para todos.

<sup>65</sup> cuius scientiam nulli dederunt, facultatem omnibus, nam si haric quoque bonum vulgare fecissent et prudentes nasceremur, sapientia quod in se optimum habet, perdidisset, inter fortuita non esse. Sêneca, *Epistola*, XC. 1. Tradução de Lovejoy e Boas.

<sup>66</sup> Τὴν δὲ πρώτην ὁρμὴν φασὶ τὸ ζῶον ἴσχειν ἐπὶ τὸ τηρεῖν ἑαυτό, οἰκειούσης αὐτὸ τῆς φύσεως ἀπ' ἀρχῆς, καθά φησιν ὁ Χρῦσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ τελῶν, πρώτων οἰκεῖον λέγων εἶναι παντὶ ζῶῳ τὴν αὐτοῦ σύστασιν καὶ τὴν ταύτης συνείδησιν· οὔτε γὰρ ἄλλοτριῶσαι εἰκὸς ἦν αὐτὸ <αὐτῷ> τὸ ζῶον, οὔτε ποιήσασαν αὐτό, μήτ' ἄλλοτριῶσαι μήτ' [οὐκ] οἰκειῶσαι. ἀπολείπεται τοίνυν λέγειν συστησαμένην αὐτὸ οἰκειῶσαι πρὸς ἑαυτό· οὔτω γὰρ τὰ τε βλάπτοντα διωθεῖται καὶ τὰ οἰκεῖα προσίεται. Os estoicos dizem que o primeiro impulso do ser vivo é o da sobrevivência, que lhe é dado desde o início pela natureza. No primeiro livro de sua obra *Dos Fins*, Crisipo afirma que o primeiro bem possuído por cada ser vivo é a sua própria constituição física e a ciência da mesma. Não se pode admitir logicamente que a natureza torne o ser vivo estranho a si mesmo (de outra forma ela não o teria criado), nem que o trate como um estranho, nem que não o tenha como sua criatura. Somos, então, compelidos a dizer que a natureza, constituindo o ser vivo, fê-lo caro a si mesmo, pois assim ele repele tudo que lhe é prejudicial, e acolhe tudo que lhe é útil e afim. (Diógenes Laércio, VII, 85-86. Tradução de H.D. Hicks).

<sup>67</sup> Sêneca, *Epistola*, XC. 1. Tradução de Lovejoy e Boas.

Além de viver harmoniosamente com a Natureza, o que impedia a existência dos vícios, também não havia o material sobre o qual eles poderiam surgir: a construção de coisas não necessárias para o trato com a vida. Ou seja, a técnica que, ao invés de aperfeiçoar, torna humanos em escravos ao criar necessidades não existentes até o momento de sua criação. A época da técnica é aquela ao mesmo tempo produz o inútil, faz surgir a imagem do humano sábio, aquele que usa da Filosofia para não ser tomado por emoções tais como ganância e luxo. Daí a diferença entre um artesão e um sábio os quais, conforme Sêneca, são representados em sua época por Dédalo e Diógenes, o cínico. Qual dos dois, pergunta o filósofo, poderíamos considerar um sábio? O primeiro, por ter inventado a serra, ou o segundo, que desejou ser menos complicado e mais frugal em relação a todas as coisas, a exemplo dos alimentos?<sup>68</sup> Ou aquele que, quando viu uma criança beber água com as mãos em forma de concha, quebrou o copo que carregava consigo dizendo: "uma criança me venceu na simplicidade?"<sup>69</sup>

Uma das razões que fazem dos produtos da técnica material para os vícios é que eles não são bens necessários para vida, ou seja, o que eles proporcionam são bens já encontrados na natureza, como roupas e moradias:

Mas o frio é intolerável para o corpo nu. ‘O que então? Não há peles de feras e outros animais, que são suficientes, e mais do que suficientes, para nos proteger do frio? Muitos povos não cobrem seus corpos com a casca das árvores? As penas dos pássaros não são costuradas para servir de roupa? Ainda hoje, grande parte dos citas não usa peles de raposa e ratos, macias ao toque e impermeáveis aos ventos? Mas os humanos devem ter um abrigo mais espesso do que a pele para se proteger do calor no verão.’ E então? Alguns humanos não teciam à mão esteiras de vime, revestiam-nas com barro comum e depois com ramos e outros produtos da floresta construíam telhados de duas águas, e assim passavam os invernos em segurança enquanto a chuva escorria pelas coberturas de ardósia? E então? O povo sírio não mora em abrigos subterrâneos e, de fato, todos os outros que, por causa do fogo muito forte do sol, não têm proteção suficiente contra o calor, exceto no próprio solo ressecado?<sup>70</sup>

<sup>68</sup> D.L., VI, 25, nos conta, em forma de anedota, que certa vez Diógenes encontrou-se como Platão enquanto comia figos. Ele os ofereceu a Platão, o qual apanhou todos eles. Diógenes então exclamou: τοῦ δὲ λαβόντος καὶ φαγόντος, ἔφη, ‘μετασχεῖν εἶπον, οὐ καταφαγεῖν.’ Te chamei para compartilhá-los, não para devorá-los.

<sup>69</sup> *Ibidem*, VI, 37: παιδίον με νενίκηκεν εὐτελείᾳ.

<sup>70</sup> Frigus intolerabilest corpori nudo quid ergo? non pelles ferarum et aliorum animalium a frigore satis abundeque defendere queunt? non corticibus arborum pleraeque gentes tegunt corpora? non avium plumae in usum Testis conseruntur? non hodieque magna Scytharum pars tergis vulpium induitur ac murum, quae tactu mollia et inpenetrabilia ventis sunt? Opus est tamen calorem solis aestivi umbra crassiore propellere.’ quid ergo? non vetustas multa abdidit loca, quae vel iniuria temporis vel alio quolibet casu excavata in specum recesserunt? quid ergo? non quilibet virgeam cratem texuerunt manu et vili obliverunt luto, deinde [de] stipula aliisque silvestribus operuere fastigium, et pluviis per devexa labentibus hiemem transiere securi? Sêneca, *Epístola*, XC. 14.

Suprir-se com pouco e com pouco esforço, eis o que a técnica retirou da humanidade, pois o supérfluo é o que aflige e derrota a humanidade em sua harmonia com o todo. Não basta apenas banhar-se, mas banhar-se com os melhores produtos criados para tal fim. Isso tira o objetivo principal que é banhar-se e substitui uma necessidade por vício. Não é suficiente ter uma casa, mas possuir uma que atenda aos interesses mais extravagantes de uma sociedade. Ter coisas desse jaez exige um esforço que, para Sêneca, é desnecessário. Por que procurar os fabricantes de coisas artificiais se temos a natureza?

O aumento gradativo do luxo e do abandono da natureza, culminou no intelecto como portador do vício, ou como diz Sêneca, na alma como escrava do corpo.<sup>71</sup> Foi um caminho iniciado pelo desejo de superficialidades, depois o desejo por coisas contrárias à natureza, e, por fim, com a mente trabalhando em regime de escravidão para satisfazer os desejos corporais. O corpo, agora, é senhor, e sua satisfação é nutrida com, por exemplo, os temperos usados na culinária, os quais servem mais ao prazer de comer do que a nutrição; com os gestos efeminados ensinados nas danças e as harmonias suaves e doentias usados no canto. Todas essas coisas, quando recusadas por alguém, o fazem ser visto como pobre e grosseirão.<sup>72</sup>

Mas alguém poderia argumentar que, da mesma forma que a Filosofia, a técnica desenvolvida para a construção de ‘inutilidades’ foi inventada pela razão. A isso Sêneca responde que está correto quem assim o afirma, contudo, não é a mesma razão que é utilizada pelos humanos sábios da Era de Ouro:

‘Mas’, diz Posidônio, ‘o sábio realmente descobriu essas coisas; mas elas eram muito triviais para ele lidar por si mesmo, então ele as entregou a seus assistentes mais mesquinhos.’ Na verdade, o tipo de humano que primeiro concebeu essas coisas foi o que hoje se preocupa com elas. Conhecemos certas invenções que surgiram em nossa própria memória - como vidraças que transmitem a luz claramente através de conchas transparentes, e banheiras abobadadas com tubos embutidos nas paredes para distribuir o calor, que é mantido a uma temperatura uniforme na temperatura ambiente tanto no nível superior quanto no inferior. Que direi dos mármore com que brilham os templos e as casas? Ou das massas de pedra arredondadas e polidas por meio das quais erigimos pórticos e edifícios suficientemente espaçosos para conter nações inteiras? E a taquigrafia, pela qual uma fala é anotada enquanto está sendo proferida e a velocidade da língua é igualada pela velocidade da mão? Todas essas coisas foram inventadas pelo tipo mais

---

<sup>71</sup> *Ibidem*, 19.

<sup>72</sup> *Ibidem*, *Loc. Cit.*

baixo de escravos. A sabedoria tem um lugar mais alto; ela não é a treinadora de nossas mãos, mas a senhora de nossas mentes.<sup>73</sup>

Para Possidônio, o humano sábio cria a técnica, mas não pode ser responsabilizado pelo seu uso. Isso garante que sua natureza permaneça imaculada ao não ser afetada pelos vícios. Contudo, Sêneca afirma que não pode ser considerado sábio o criador de coisas que despertam vícios. Sábio é exatamente aquele que, através da Filosofia, combate a ganância ou o luxo ao compreender como a natureza é abundante e propícia. Por isso, a ele cabe refletir e agir acerca das regras do bem viver que, transformadas em leis universais, conduzem os humanos a uma vida de acordo com a natureza. Ele nos ensina acerca dos deuses e dos seus desígnios para conosco, os quais podemos chamar também de fortuna. Ele também ensina sobre as falsas opiniões e com recusá-las; dos prazeres sem remorso; ensina que a felicidade se dá naquele que não precisa dela, e, que o poder está no controle de si.<sup>74</sup> Por isso que o humano sábio e a Filosofia, no momento inicial da história humana, não precisavam existir, pois não eram necessários em um contexto no qual os humanos eram felizes por ter disponíveis os recursos naturais, enquanto os não necessários eram valorizados pelo seu uso e não pela forma soberba de possuí-los. Essa conduta foi extinta precisamente pelos vícios desenvolvidos pelo uso exacerbado de elementos e técnicas não essenciais para a vida. Um uso que transformou irmãos em inimigos e humanos necessitados em ladrões.

Havia irmandade entre os humanos por desfrutarem de toda a natureza em comum. Ela os protegia assim como a mãe a um filho justamente por fornecer-lhes seus recursos vitais. Contudo, houve aqueles que se submeteram à avareza, o que os fez desejar o que era compartilhado como os demais, reivindicando para si algo que a natureza produzia na exata medida da necessidade. Isso fez surgir tanto a riqueza como a pobreza extremas. A ganância gerou a necessidade; o desejo, o medo; e o medo, a desonra de fazer qualquer coisa para adquirir o objeto desejado.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> Omnia ' inquit ' haec sapiens quidem invenit : sed minora quam ut ipse tractaret, sordidioribus ministris dedit.' immo non aliis excogitata ista sunt quam quibus hodieque curantur. quaedam mostra demum prodisse memoria scimus, ut speculariorum usum perlucante testa clarum transmittentium lumen, ut suspensuras balneorum et impressos parietibus tubos, per quos circumfunderetur calor, qui ima simul ac summa foveret aequaliter. quid loquar marmora, quibus templa, quibus domus fulgent? quid lapideas moles in rotundum ac leve formatas, quibus porticus et capacia populorum tecta suscipimus? quid verborum notas, quibus quamvis citata excipitur oratio et celeritatem linguae manus sequitur? vilissimorum mancipiorum ista commenta sunt: sapientia altius sedet nec manus edocet, animorum magistra est... *Ibidem*, 24-26.

<sup>74</sup> *Ibidem*, 29-30.

<sup>75</sup> *Ibidem*, 40-43.

O luxo cria o conforto em excesso, a vaidade; a ganância, o desejo irracional; o medo, a vergonha da pobreza. Todas essas emoções tornam-se cárceres da alma na medida em que, por causa delas, deixamos de entender e contemplar um conjunto de coisas que foram dispostas com a finalidade de garantir a perpetuação da vida. Os vícios fazem com que enxerguemos um mundo que a todo instante nos desampara. O que faríamos se um vento forte arrancasse os ornamentos de nossa casa, adquiridos a custo tão alto, mas não nos ferisse? Reclamaríamos da má fortuna e da violência com que a natureza arrasta todas as coisas ou enxergaríamos uma razão que nos quer mostrar o quão inúteis são essas coisas? A segunda resposta é atribuída ao humano da época primitiva e do humano naturalmente sábio:

Mas não importa quão excelente e inocente fosse a vida dos homens daquela época, eles não eram sábios; pois esse título é reservado para a maior conquista. Ainda assim, eu não negaria que eles eram homens de espírito elevado e - se posso usar a frase - recém-nascidos dos deuses. Pois não há dúvida de que o mundo produziu uma progênie melhor antes de estar desgastada. No entanto, nem todos eram dotados de faculdades mentais da mais alta perfeição, embora em todos os casos seus poderes nativos fossem mais robustos que os nossos e mais adequados para o trabalho. Pois a natureza não concede virtude: é uma arte tornar-se bom.<sup>76</sup>

Os humanos da ‘época de ouro’ eram considerados os ‘verdadeiros espíritos elevados’ (*alti spiritus viros*). E mesmo sem um conhecimento sobre as virtudes, tinham um comportamento harmônico com a natureza e, por consequência, ausência de vícios. Não eram considerados bons por ser essa uma virtude não natural, mas uma arte criada em um mundo de vícios e emoções. Por isso não estavam interessados em ouro e eram misericordiosos com os animais e não matavam uns aos outros levados pela raiva ou medo. Por tudo isso, afirma Sêneca, a inocência deles era dada por ignorância, característica que diferencia o humano primitivo e o sábio, pois não devemos igualar aquele que não deseja errar com aquele que não sabe errar.<sup>77</sup> Para estes, não havia justiça nem regras de autocontrole, mas suas qualidades, porém, em nada se diferenciavam do humano sábio. Por isso que o humano primitivo deixa de existir no momento em que a ‘inocência’, ou como nos diz Sêneca, sua ignorância é

---

<sup>76</sup> Sed quamvis egregia illis vita fuerit et carens fraude, non fuere sapientes, quando hoc iam in opere maximo nomen est. Non tamen negaverim fuisse alti spiritus viros et, ut ita dicam, a dis recentes. Neque enim dubium est, quin meliora mundus non- dum effetus ediderit. Quemadmodum autem omnibus indoles fortior fuit et ad labores paratior, ita non erant ingenia omnibus consummate. Non enim dat natura virtutem ; ars est bonum fieri. *Ibidem*, 44-45.

<sup>77</sup> *Ibidem*, 46.

preenchida pelo conhecimento técnico que produz coisas supérfluas, as quais, por sua vez, geram os vícios.

Todo esse comportamento primitivo valorizado por Sêneca coincide com os momentos recentes do *Kosmos*. Isto é, os humanos e a Natureza compartilham sempre a mesma era. Eles eram os recém-chegados dos deuses (*a dis recentes*), vivendo em um mundo ainda não desgastado, (*mundus nondum effetus ediderit*), fazendo-os mais fortes e mais aptos para o trabalho sem a necessidade da filosofia. Isso faz Levy afirmar que a chave da *epístola* 90 é o fato dos humanos serem felizes e não serem sábios,<sup>78</sup> pois, afirma o comentador, conforme o texto, a Natureza fornece aos seres humanos uma perfeição que se assemelha à sabedoria.<sup>79</sup> Não uma sabedoria aos moldes filosóficos, mas “uma sabedoria que é a adesão da razão a si mesma, isto é, de uma perfeição sem mediação: *ignorantia rerum inocentes errant*”.<sup>80</sup> Uma perfeição que se traduz na inocência, na razão que não tem consciência de si e nem dos movimentos harmônicos da *physis*. Visto dessa forma, a história da humanidade “é a da perfeição perdida e reencontrada”.<sup>81</sup> Perdida porque, conforme Levy, a sabedoria fornecida na forma de inocência pela Natureza não dura por ser as emoções um caminho necessário que “nem a humanidade, nem o grupo humano nem o próprio indivíduo podem escapar”.<sup>82</sup> Mas aqui nos cabe indagar: se as emoções são uma consequência inevitável do destino, como fica o espaço de liberdade que nos cabe por conta da parte divina em nós? Essa é a questão que procuraremos responder na próxima seção.

### 3.0 A RELAÇÃO ENTRE *HEIMARMENE* E *PRORAIRESIS*

O *Kosmos* movimenta-se através de uma cadeia de causas eternas e inalteradas. Sendo este o caso, algumas críticas são inevitáveis: como o ser humano pode exercer sua escolha dentro de um contexto arbitrário? Isto é, se tudo acontece segundo o destino, qual a razão de sermos castigados por nossas faltas? Onde ficaria a responsabilidade moral?

<sup>78</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p.501.

<sup>79</sup>*Ibidem*, p.501. Conforme Sexto Empírico 'Adv. Matemática IX, 107, “o que <Platão> publicou é potencialmente o mesmo discurso que Zenão. Zenão também diz que o universo é um belo trabalho realizado com perfeição [I, 32,30] de acordo com a natureza; e também, de acordo com toda a probabilidade, criatura viva animada, cognitiva e racional. (SVF I, 110). Tradução de Roberto Radice.

<sup>80</sup> *Ibidem*, Loc. Cit.

<sup>81</sup> *Ibidem*, Loc. Cit.

<sup>82</sup> Levy, Carlos, *Sêneca e a circularidade do tempo*, p.504.

Se Crisipo[...] acredita que todas as coisas são postas em movimento e dirigidas pelo destino, e que o curso do destino e suas engrenagens não pode ser desviado ou evitado, então os pecados e faltas dos humanos também não devem causar raiva ou ser atribuídos a eles mesmos e suas inclinações, mas a um certo impulso inevitável que surge do destino, que é o mestre e árbitro de todas as coisas, por meio do qual tudo o que vai acontecer deve acontecer, e que, portanto, o estabelecimento de penas para os culpados por lei é injusto se os homens não voluntariamente cometem crimes, mas são levados a eles pelo destino.<sup>83</sup>

Aqueles que dizem que <assim> tanto a existência do que está em nosso poder e a existência do destino estão salvaguardadas (já que cada uma das coisas que existem foi dada pelo destino: para a água o destino de resfriar, a cada vegetal o destino de dar aquele determinado fruto, à pedra cair, ao fogo se elevar, ao vivente assentir e impelir; e se esse impulso não encontra um obstáculo em uma coisa externa ou no destino, então andar está totalmente em nosso poder e vamos caminhar absolutamente), aqueles que dizem isso [...] - entre os estoicos, Crisipo e Filopator, e muitos outros ilustres filósofos nada mais mostram, exceto que tudo acontece pelo destino. Com efeito, se afirmam que os impulsos nos foram dados pelo destino e que esses impulsos podem uma vez ser impedidos pelo destino e mais uma vez não ser, é claro que tudo acontece pelo destino, mesmo as coisas que acreditamos estar em nosso poder. [...] Quando as causas circundantes são idênticas, como afirmam, é inteiramente necessário que os mesmos eventos ocorram e é impossível que haja efeitos diferentes de vez em quando, porque estes foram atribuídos pelo destino do início, eternamente; e, portanto, é necessário que mesmo o impulso da vida, quando os causativos circundantes são idênticos, seja absolutamente e em toda parte como é. [...] Se eles então estabelecem que o impulso está em nosso poder porque o temos por natureza, o que nos impede de dizer que até mesmo queimar está em poder de fogo, já que o fogo queima por natureza?..<sup>84</sup>

<sup>83</sup> Aliarum autem opinionum disciplinarumque aucto res huic definitioni ita obstrepunt : " Si Chrysippus," inquit, " fato putat omnia moveri et regi nec declinari transcendique posse agmina fati et volumina, peccata quoque hominum et delicta non suscensenda neque inducenda sunt ipsis voluntati busque eorum, sed necessitati cuidam et instantiae, quae oritur ex fato," omnium quae sit rerum domina et arbitra, per quam necesse sit fieri quicquid futurum est ; et propterea nocentium poenas legibus inique constitutas, si homines ad maleficia non sponte veniunt, sed fato trahuntur. Aulio Gélío, *Noites Áticas*, 2.4.

<sup>84</sup> οἱ δὲ λέγοντες ὅτι καὶ τὸ ἐφ' ἡμῖν καὶ τὸ καθ' εἰμαρμένην σφύζεται [...] οἱ ταῦτα λέγοντες, εἰσὶ δὲ τῶν Στωϊκῶν Χρύσιππος τε καὶ Φιλοπάτωρ καὶ ἄλλοι πολλοὶ καὶ λαμπροί, οὐδὲν ἕτερον ἀποδεικνύουσιν ἢ πάντα καθ' εἰμαρμένην γίνεσθαι. εἰ γὰρ καὶ τὰς ὁρμὰς παρὰ τῆς εἰμαρμένης φασὶν ἡμῖν δεδόσθαι, καὶ ταύτας ποτὲ ἐν ἀπὸ τῆς εἰμαρμένης ἐμποδίζεσθαι, ποτὲ δὲ μὴ· δῆλον ὡς πάντα καθ' εἰμαρμένην γίνεται καὶ τὰ δοκοῦντα ἐφ' ἡμῖν εἶναι. καὶ πάλιν τοῖς αὐτοῖς λόγοις χρῆσόμεθα πρὸς αὐτούς, δεικνύντες τῆς δόξης τὴν ἀτοπίαν. εἰ γὰρ τῶν αὐτῶν αἰτίων περιεστηκότων, ὡς φασὶν αὐτοί, πᾶσα ἀνάγκη τὰ αὐτὰ γίνεσθαι καὶ οὐχ οἷόν τε ποτὲ μὲν οὕτως ποτὲ δὲ ἄλλως γενέσθαι, διὰ τὸ ἐξ αἰῶνος οὕτως ἀποκεκληρῶσθαι αὐτά· ἀνάγκη καὶ τὴν ὁρμὴν τὴν τοῦ ζῆου πάντη καὶ πάντως τῶν αὐτῶν αἰτίων περιεστηκότων οὕτω γενέσθαι· εἰ δὲ καὶ ἡ ὁρμὴ ἐξ ἀνάγκης ἐπακολουθεῖ, ποῦ λοιπὸν τὸ ἐφ' ἡμῖν; ἐλεύθερον γὰρ εἶναι δεῖ τὸ ἐφ' ἡμῖν· ἢν δ' ἂν ἐλεύθερον εἰ τῶν αὐτῶν περιεστηκότων ἐφ' ἡμῖν ἢν τὸ ποτὲ μὲν ὁρμᾶν, ποτὲ δὲ μὴ ὁρμᾶν. εἰ δὲ ἐξ ἀνάγκης ἐπακολουθεῖ καὶ τὸ ὁρμᾶν, δῆλον ὡς καθ' εἰμαρμένην καὶ τὰ τῆς ὁρμῆς γενήσεται, εἰ καὶ ὑφ' ἡμῶν γίνεται καὶ κατὰ τὴν ἡμετέραν φύσιν καὶ ὁρμὴν καὶ κρίσιν. εἰ γὰρ οἷόν τε ἦν αὐτὴν καὶ μὴ γενέσθαι, ψευδὴς ἂν ἦν ἡ πρότασις ἢ λέγουσα ὅτι τῶν αὐτῶν περιεστηκότων αἰτίων ἀνάγκη τὰ ὑτὰ ἔπεσθαι. οὕτω δὲ καὶ ἐπὶ τοῖς ἀλόγοις καὶ τοῖς ἀνύχοις εὐρεθήσεται. εἰ γὰρ τὴν ὁρμὴν ἐφ' ἡμῖν τάττουσιν ὅτι φύσει ταύτην ἔχομεν, τί κωλύει καὶ ἐπὶ τῷ πυρὶ λέγειν εἶναι τὸ καίειν, ἐπειδὴ φύσει καίει τὸ πῦρ. Nemésio *De nat. hom.*'cp. 35, pág. 258. (*SVF* II 991). Tradução de Roberto Radice.

Existem, de fato, duas naturezas interagindo entre si. A força da Natureza seria representada pelos impulsos instintivos dos seres, a *oikeiosis*; a outra, pela liberdade humana para assenti-los ou recusá-los, pois, se este é o caso, não pode haver impedimento dos impulsos sobre a escolha humana. Mas a afirmação crisipiana de que tudo acontece pelo destino indica que mesmo aquelas coisas que estão sob o nosso poder também deverão estar sujeitas a ele. Ora, Nemésio parte da premissa de que o Fogo artífice gera o mesmo conjunto de causas infinitamente, o que, por sua vez, gera o mesmo conjunto de resultados. Isso significa que a capacidade de assentir e julgar é o resultado de uma relação causal invariável e, por isso, não passível de escolha, ou seja, não escolhemos não assentir ou recusar; não podemos escolher não ser livres. Ora, como é possível afirmar que o destino (função) do fogo é queimar, porque está em sua natureza, sem atribuir o mesmo à nossa capacidade de escolha? De fato, a Natureza age eternamente, o que dá a ela uma quantidade infinita de vezes para expandir e contrair os mesmos elementos sempre de uma mesma forma. Isso implica que os desvios morais que cometemos se repetirão eternamente, fato que os colocaria também na trama do destino, o que, por sua vez, nos tiraria a responsabilidade moral sobre nossos atos. Conforme o argumento de Nemésio, como somos parte do todo, nosso comportamento segue uma cadeia de causas que faz do assentimento uma ilusão de escolha.

Todavia, de acordo com Inwood e Donini,<sup>85</sup> o mundo é um todo único, divino e, por isso, racional. Essa racionalidade está concentrada em certas partes do mundo, como nos corpos celestes e nas almas humanas. Todos os componentes distintos do mundo são partes dele, mas estão organizados em uma escala que vai dos tipos de objetos mais simples aos mais complexos, da terra inerte e pedras, passando por plantas e bestas brutas, até os humanos. Nós, humanos, somos mais do que meras partes do todo; somos partes privilegiadas, partes que, ao contrário de quaisquer outras, compartilham os atributos distintivos do todo. Assim, os humanos, como as melhores partes do todo, estão em condições de colaborar com a racionalidade de toda a natureza; isso nos torna, como diz Sêneca, não apenas partes, mas também ‘aliados’ da natureza:

[Aquele que] é igual aos deuses e ciente de sua origem se esforça para voltar para lá. Nenhum humano erra ao tentar recuperar as alturas de onde desceu. E por que você não deveria acreditar que algo de divindade existe em alguém que é uma parte de Deus? Todo este universo que nos envolve é um, e é Deus; somos associados de Deus; nós somos seus membros. Nossa alma tem capacidades e é levada para lá se os vícios não a retêm. Assim como é

---

<sup>85</sup> Inwood and Donini, *A História da Filosofia Helenística de Cambridge*, p. 682.

da natureza de nossos corpos ficarem eretos e olharem para o céu, assim a alma, que pode se estender até onde quiser, foi moldada pela natureza para este fim, para que desejasse a igualdade com os deuses. E se o humano faz uso de seus poderes e se estende para cima em sua região apropriada, não é por um caminho estranho que luta para as alturas.<sup>86</sup>

Conforme Inwood e Donini<sup>87</sup>, a perspectiva cosmológica do estoicismo é bastante relevante, pois nosso papel como colaboradores da natureza afeta o tratamento que eles dão à questão do determinismo e da possibilidade de ação moralmente responsável. Temos um papel privilegiado em uma natureza que compartilha conosco suas qualidades essenciais. Não que isso seja o melhor dos mundos,<sup>88</sup> mas, para os estoicos, cabe a nós agirmos da melhor forma, o que, de fato, beneficia tanto a natureza individual como a universal. E isso só é possível porque faz parte de nossa estrutura um movimento pneumático refinado, um estado mais rarefeito do *pneuma*, o que permite nos reconectar com aquilo que nos originou.

Em outra crítica à concepção de Crisipo sobre a liberdade, Plutarco nos diz:

[1]‘Desde que a economia do *Kosmos* procede assim, é necessário que fiquemos como estamos; mesmo que por condição pessoal estejamos doentes, ou sejamos aleijados, ou tenhamos nos tornado gramáticos ou músicos’. Então, novamente, um pouco mais tarde, ele diz: ‘Em harmonia com este discurso, diremos coisas semelhantes tanto de nossa virtude quanto de nosso vício; tanto sobre o conjunto de nossas artes quanto sobre nossa inexperiência nas artes, como eu disse’. E um pouco mais tarde, removendo toda ambiguidade, ele diz: ‘Na verdade, nada pode ser, nem mesmo em seu mínimo particular, senão em harmonia com a natureza universal e com sua razão’. Além disso, o fato de que a natureza comum a todos e a razão universal da natureza são 'destino', 'providência' e 'Zeus' não pode escapar mesmo daqueles que vivem nos Antípodas; [...] Crisipo afirma que Homero fez o certo, em referência ao destino e à natureza do *Kosmos*, em harmonia com a qual tudo é governado. [2] Crisipo concede plena e incondicional liberdade de ação à maldade, considerando-a não apenas necessária e em harmonia com o destino, mas também um produto em harmonia com a razão divina e a perfeição da natureza. Isso também é visível nestas exatas palavras dele: "Como a natureza comum se estende a todas as realidades, qualquer coisa de qualquer espécie que aconteça no *Kosmos* e em qualquer uma de suas partes, deve estar em harmonia com essa natureza e, como

<sup>86</sup> Hie deos aequat, illo tendit originis suae memor. Nemo inprobe eo conatur ascendere, unde descenderat. Quid est autem cur non existimes in eo divini aliquid existere, qui dei pars est? Totum hoc, quo continemur, et unum est et deus; et socii sumus eius et membra. Capax est noster animus, perfertur illo, si vitia non depriment. Quemadmodum corporum nostrorum habitus erigitur et spectat in caelum, ita animus, cui in quantum vult licet porrigi, in hoc a natura rerum formatus est, ut paria dis vellet. Et si utatur suis viribus ac se in spatium suum extendat, non aliena via ad summa nititur. Magnus erat labor ire in caelum. Sêneca, *Ep.* 92.30. Tradução de R.M Gummere.

<sup>87</sup> Inwood and Donini, *A História da Filosofia Helenística de Cambridge*, p. 684.

<sup>88</sup> “Por isso os antigos recomendaram seguir o melhor modo de vida, não o mais agradável [...] Devemos ter a natureza como guia: a razão a observa e consulta”. Sêneca, *Da vida feliz*, VIII. Tradução de João Carlos Cabral Mendonça.

consequência imediata, com sua razão; devido ao fato de que nada poderá impedir a economia do *Kosmos* de fora, nem nenhuma de suas partes poderá se mover ou estar de outra forma que não esteja em harmonia com a natureza comum a todos". Quais são, então, os estados e movimentos das partes? É claro que os 'estados' são os vícios e os mórbidos como ganância por dinheiro, ânsia de prazeres e de fama, covardia e injustiça; que os 'movimentos' são adultérios, furtos, traições, homicídios e parricídios. Bem, Crisipo acredita que nada disso é nem um pouco nem muito contrário à razão, à lei, à justiça e à providência de Zeus. [3] Se, como afirma Crisipo, nada pode ficar, nem mesmo em seu menor detalhe, exceto em harmonia com a decisão de Zeus, mas todo ser animado nasce para ficar e se mover como Zeus o conduz, faz virar, faz ficar de pé e arrumar, então.... [4] Finalmente, ele afirma que nada permanece ou se move, nem mesmo um pouco, senão em harmonia com a razão de Zeus, que é idêntica ao destino.<sup>89</sup>

Vejamos como responde Crisipo:

Contra essas críticas, Crisipo argumenta longa, sutil e habilmente, mas o significado de tudo o que ele escreveu sobre esse assunto se reduz a isto: 'Embora seja um fato,' diz ele, 'que todas as coisas estão sujeitas a uma inevitável lei fundamental e estão intimamente ligadas ao destino, as propriedades peculiares de nossas mentes estão sujeitas ao destino apenas de acordo com sua individualidade e qualidade. Pois, se no início tais propriedades são moldadas pela Natureza para a saúde e a utilidade, elas evitarão com pouca oposição e pouca dificuldade toda aquela força com que o destino os ameaça de fora. Mas se são toscas, ignorantes, grosseiras e sem nenhum apoio da educação, por sua própria perversidade e impulso voluntário, mergulham em contínuas faltas e pecados, ainda que o assalto de algum inconveniente devido ao destino seja leve ou inexistente. E que isso mesmo aconteça dessa maneira é devido a essa conexão natural e inevitável de eventos que é chamada de 'destino'. Pois está na natureza das coisas, por

<sup>89</sup> [1] 'οὕτω δὲ τῆς τῶν ὄλων οἰκονομίας προαγούσης, ἀναγκαῖον κατὰ ταύτην, ὡς ἂν ποτ' ἔχωμεν, ἔχειν ἡμᾶς, εἴτε παρὰ φύσιν τὴν ἰδίαν νοσοῦντες εἴτε πεπηρωμένοι εἴτε γραμματικοὶ γεγονότες ἢ μουσικοὶ.' καὶ πάλιν μετ' ὀλίγον: 'κατὰ τοῦτον δὲ τὸν λόγον τὰ παραπλήσια ἐροῦμεν καὶ περὶ τῆς ἀρετῆς ἡμῶν καὶ περὶ τῆς κακίας καὶ τὸ ὄλον τῶν τεχνῶν καὶ τῶν ἀτε χιῶν, ὡς ἔφην,' καὶ μετ' ὀλίγον ἅπασαν ἀναιρῶν ἀμφιβολίαν: 'οὐθὲν γὰρ ἔστιν ἄλλως τῶν κατὰ μέρος γενέσθαι οὐδὲ τοῦλάχιστον ἢ κατὰ τὴν κοινὴν φύσιν καὶ κατὰ τὸν ἐκείνης λόγον.' ὅτι δ' ἡ κοινὴ φύσις καὶ ὁ κοινὸς τῆς φύσεως λόγος εἰμαρμένη καὶ πρόνοια καὶ Ζεὺς ἐστίν, οὐδὲ τοὺς ἀντίποδας λέληθε. [2] <ὁ δὲ Χρῦσιππος> ἀναπεπταμένην παρρησίαν αὐτῇ δίδωσιν ὡς οὐ μόνον ἐξ ἀνάγκης οὐδὲ καθ' εἰμαρμένην ἀλλὰ καὶ κατὰ λόγον θεοῦ καὶ κατὰ φύσιν πεποιημένη τὴν ἀρίστην. ἔτι δὲ καὶ ταῦθ' ὄρα τὰ κατὰ λέξιν οὕτως ἔχοντα: 'τῆς γὰρ κοινῆς φύσεως εἰς πάντα διατεινούσης δεήσει πᾶν τὸ ὅπως οὖν γινόμενον ἐν τῷ ὄλω καὶ τῶν μορίων ὀφθεῖν κατ' ἐκείνην γενέσθαι καὶ τὸν ἐκείνης λόγον κατὰ τὸ ἐξῆς ἀκολούτως διὰ τὸ μήτ' ἐξῶθεν εἶναι τὸ ἐνστησόμενον τῇ οἰκονομίᾳ μήτε τῶν μερῶν μηδὲν ἔχειν ὅπως κινήσεται ἢ σχήσει ἄλλως <ἢ> κατὰ τὴν κοινὴν φύσιν.' τίνες οὖν αἱ τῶν μερῶν σχέσεις εἰσὶ καὶ κινήσεις; δῆλον μὲν ὅτι σχέσεις αἱ κακίαι καὶ τὰ νοσήματα, φιλαργυρία φιληδονία φιλοδοξία δευλία ἀδικία, κινήσεις δὲ μοιχεῖαι κλοπαὶ προδοσίαι ἀνδροφονία πατροκτονία. τούτων οἴεται. Χρῦσιππος οὔτε μικρὸν οὔτε μέγα παρὰ τὸν τοῦ Διὸς λόγον εἶναι καὶ νόμον καὶ δίκην καὶ πρόνοιαν.[3] ὡς φησι Χρῦσιππος, οὐδὲ τοῦλάχιστον ἔστι τῶν μερῶν ἔχειν ἄλλως ἄλλ' ἢ κατὰ τὴν τοῦ Διὸς βούλησιν, ἀλλὰ πᾶν μὲν ἔμψυχον οὕτως ἴσχεσθαι καὶ οὕτω κινεῖσθαι πέφυκεν, ὡς ἐκεῖνος ἄγει κάκεῖνος ἐπιστρέφει καὶ ἴσχει καὶ διατίθεται...[4] τέλος δὲ φησι μηδὲν ἴσχεσθαι μηδὲ κινεῖσθαι μηδὲ τοῦλάχιστον ἄλλως ἢ κατὰ τὸν τοῦ Διὸς λόγον, ὃν τῇ εἰμαρμένη τὸν αὐτὸν εἶναι. Plutarco, 'De comm.' 'ράγ. p. 1049f, 1076e. (SVF II, 935 e 937). Tradução de Roberto Radice.

assim dizer, predestinadas e inevitáveis, que os maus personagens não sejam livres de pecados e faltas.”<sup>90</sup>

Áulio Gélío explica que Crisipo, em sua argumentação, reforça a sujeição dos corpos aos movimentos universais necessários e inevitáveis, assim como a condição natural de nossa alma ser a de buscar o que seja melhor ao composto corpo e alma. Todavia, mesmo sendo estruturada pela Natureza de modo a buscar coisas saudáveis e úteis à nossa condição, assim como evitar as coisas contrárias, com as propriedades particulares de nossa mente, o que entendemos ser o *pneuma* refinado em nós, elas podem desenvolver tanto um impulso a favor como contrário à Natureza. Caso tenhamos uma educação que nos faça compreendê-la como legisladora boa e racional, a força do destino não é sentida como se um poder externo estivesse nos obrigando a seguir em uma direção. Seria, semelhante a nadar a favor da correnteza de um rio: sentimos a tranquilidade de seu curso porque estamos seguindo o caminho traçado por ele. Caso contrário, mesmo tendo a liberdade de ir contra o seu curso sentiremos o peso da correnteza até o ponto de não termos mais força para continuar. Da mesma forma, está de acordo com o destino que os ignorantes não estejam livres de pecados e faltas, ou seja, as emoções são consequências de movimentos naturais que se agravam à medida que escolhemos em não seguir voluntariamente o destino ou em não usar a Filosofia como ferramenta para tentarmos minimizar seus efeitos. Contudo, mesmo agindo conforme o movimento universal, não podemos evitar o movimento de corrupção do universo, pois ele afeta, através do *pneuma*, a harmonia do composto ao tornar excessiva sua qualidade mais rarefeita, o calor. Por isso, devemos, enquanto nos cabe, agir livremente, aceitar sem coerção o destino como guia; agir conforme suas leis, deixando a vontade seguir seu próprio curso, sem entraves e em respeito ao que ordena a natureza; que aja a *oikeiosis*, mas que ela não nos arrabate; que as representações nos atinjam, mas que façamos bom uso delas; que venha a morte, mas que saibamos que é uma consequência da vida; que escolhamos a virtude por ela

---

<sup>90</sup> Contra ea Chrysippus tenuiter multa et argute disserit; sed omnium fere, quae super ea re scripsit, huiuscemodi sententia est. 'Quamquam ita sit,' inquit 'ut ratione quadam necessaria et principali coacta atque conexas sint fato omnia, ingenia tamen ipsa mentium nostrarum proinde sunt fato obnoxia, ut proprietates eorum est ipsa et qualitas. Nam si sunt per naturam primitus salubriter utiliterque ficta, omnem illam vim, quae de fato extrinsecus ingruit, inoffensius tractabilisque transmittunt. Sin uero sunt aspera et inscita et rudia nullisque artium bonarum adminiculis fulta, etiamsi paruo siue nullo fatalis incommodi conflictu urgeantur, sua tamen scaevitate et uoluntario impetu in assidua delicta et in errores se ruunt. Idque ipsum ut ea ratione fiat, naturalis illa et necessaria rerum consequentia efficit, quae fatum uocatur. Est enim genere ipso quasi fatale et consequens, ut mala ingenia peccatis et erroribus non uacent.' Áulio Gélío, *Noites Áticas*, 7. 2.6.1-7.2.10.1. Tradução de John C. Rolfe.

mesma e não por medo ou qualquer causa externa<sup>91</sup>. E triste daqueles que se recusarem a ir conforme o Destino:

Todas as dificuldades da vida são leis da natureza e, como bom soldado, sofrerá as feridas, enumerará as cicatrizes e, ao morrer, transpassado de dardos, amará o chefe pelo qual cairá. Terá impresso na alma aquele velho preceito: segue a Deus. Todo aquele, porém, que se queixa, chora e geme, é obrigado a cumprir as ordens à força e arrastado, a contragosto, a fazer o que é ordenado.<sup>92</sup>

Nascemos em uma monarquia: a liberdade consiste em obedecer a Deus.<sup>93</sup>

#### 4.0 CONCLUSÃO

Vimos que o *Kosmos* é estruturado a partir de quatro elementos fundamentais: fogo, ar, água e terra. Estes, por sua vez, formam dois pares de substâncias: o *pneuma*, uma substância ativa; e a matéria, uma substância passiva. A união entre elas gera corpos individuais de formas e qualidades diversas, sendo um deles considerado pelos estoicos, por conta de sua racionalidade, o mais divino de todos: o ser humano. Mas, apesar de sermos um corpo caracterizado pelo *hegemonikon*, somos constituídos pelos mesmos elementos de todos os outros corpos, sejam eles inanimados ou não. A diferença se dá no comportamento variado do *pneuma* na matéria. Essas informações já são suficientes para deduzirmos que o que acontece no *Kosmos*, em sua totalidade, deve afetar necessariamente os corpos individuais. As qualidades como quente, frio, seco e úmido, por exemplo, estão tanto nos astros como nos seres humanos, fato que faz da morte do mundo e a da morte do corpo acontecimentos semelhantes, apesar da diferença de tempo em que ocorrem. Mas, foi na *Epístola 90* de Sêneca que encontramos a chave que possibilitou o entrelaçamento entre o movimento de corrupção do *Kosmos* e as emoções. Quando Sêneca resgata um período no qual os humanos existiam em comunhão com a Natureza, desfrutando harmoniosamente todas as coisas dispostas para seu benefício, ele atribui a vida conforme à natureza a uma

<sup>91</sup> τὴν τ' ἀρετὴν εἶναι ὁμολογουμένην. καὶ αὐτὴν δι' αὐτὴν εἶναι αἰρετήν, οὐ διὰ τινὰ φόβον ἢ τι τῶν ἕξωθεν. D.L., VII, 89.

<sup>92</sup> omnemque temporum difficultatem sciet legem esse naturae et ut bonus miles feret volnera, numerabit cicatrices, et transverberatus telis moriens amabit eum, pro quo cadet, imperatorem ; habebit illud in animo vetus praeceptum : deum sequere ! [6] Quisquis autem queritur et plorat et gemit, imperata facere vi cogitur et invitus rapitur ad iussa nihilo minus. SENECA, *Da Vida feliz*, XV, 5-6. Tradução de João Carlos Cabral Mendonça.

<sup>93</sup> In regno nati sumus ; deo parere libertas est. *Ibidem*, *Loc. Cit.*

época onde o *Kosmos* e os humanos compartilhavam a mesma juventude. Em seguida, mediante o envelhecimento do *Kosmos*, uma gama de emoções e vícios, tais como luxo, injustiça, ganância, medo, avareza, vaidade, desonra, os quais geram comportamentos tais como violência, roubo, hostilidade, valorização de coisas inúteis, surgem nos seres humanos, rompendo uma comunhão entre humano e Natureza. Isso nos fez buscar uma resposta que desse conta de explicar como a juventude do *Kosmos* afeta o comportamento humano. Para isso, abordamos o conceito de *ekpyrosis*, que, para nós, seria uma via de acesso que nos levaria às razões pelas quais a Era de Ouro existiu e se perdeu.

Descobrimos que a *ekpyrosis* é a culminância de um movimento divino contínuo de se torna maior, mais completo, amplificado (*auksano*). Um movimento de corrupção (*phthoras*) não repentino, mas lento e gradual, que tem seu início no momento da criação do *Kosmos*, pois, apesar de sua aparente inércia ao permanecer na matéria enquanto princípio, a divindade se expressa fenomenicamente no *pneuma*, uma substância ativa responsável pelos movimentos de qualificação dos corpos, o que ocorre exatamente após a criação do *pneuma* e sua coabitação na matéria. Isso nos levou a afirmar que o mesmo movimento que conduz à conflagração é responsável pela qualificação dos corpos. Além disso, considerando os graus do *pneuma*, como nos disse Long, como diferentes manifestações de uma atividade divina,<sup>94</sup> a qual atinge seu ápice na matéria enquanto *hegemonikon*, compreendemos que os diferentes graus do *pneuma* funcionam não apenas como modeladores e qualificadores dos corpos, mas também como movimentos de corrupção dos mesmos, pois, se quanto mais completo é o Fogo artífice mais ele consome os elementos que constituem o *Kosmos*, quanto mais completo ele for, também nos corpos particulares, mais esses corpos se dissolverão nele, ou seja, a natureza dos corpos particulares espelha, a seu modo, a natureza do movimento do todo. Por isso afirmamos que o movimento de corrupção que culmina na *ekpyrosis*, o qual pode ser identificado mediante fenômenos físicos como terremotos, maremotos, evaporação dos oceanos, etc, é responsável também pelo surgimento das emoções e dos vícios. Isso explicaria o fato de que para a ortodoxia estoica, as crianças, até os quatorze anos, não possuem o *hegemonikon* capaz de agir sem a interferência dos primeiros impulsos, o que faz Crisipo afirmar que não é possível a elas ter emoções. Se este é o caso, podemos afirmar, que a ‘inocência’ do ser humano primitivo descrita por Sêneca se assemelha a uma fase infantil da humanidade, na qual o *pneuma*, enquanto *hegemonikon*, não estava qualificado o

---

<sup>94</sup> LONG, *Corpo e Alma no Estoicismo* p.38.

suficiente para a compreensão de uma racionalidade inerente ao *Kosmos*, muito menos para a valorização positiva dos objetos da técnica.

Por fim, o envelhecimento do *Kosmos*, que entendemos como qualificação do fogo originário, vai afetando o *hegemonikon*, qualificando-o até o ponto máximo de rompimento, a saber, a *ekpyrosis*. Nesse ínterim, vamos sendo afetados cada vez mais por essa *boulesis* divina, o que faz Crisipo afirmar que o movimento dos particulares avança com impedimentos e obstáculos, ou seja, com o empecilho das emoções.<sup>95</sup> Mesmo o humano sábio não está livre desse efeito cosmopatológico. Contudo, ele é o único a sentir os seus efeitos com menor intensidade, o que pode explicar também a razão da *ekpyrosis* ser considerada uma purificação para que nenhum mal permaneça no mundo. Não um mal do *mundo*, mas do desgaste da alma pelos vícios, os quais, mesmo sendo resultado de uma ‘liberdade incondicional de ação à maldade’, não escapam ao movimento necessário de Zeus. Entretanto, o espaço de liberdade fornecido pela parte divina em nós, ao mesmo tempo que nos desgasta por sua ação qualitativa inevitável, nos dá uma razão capaz de criar a filosofia, pois, apesar de ser um instrumento ineficaz no que diz respeito à inevitabilidade do fim da história do mundo, é bastante útil quanto às ações dos indivíduos, pois, com a filosofia, mesmo a alma sofrendo os impactos que levam às emoções, podemos compreender a racionalidade que subjaz no macro e no microcosmos e usá-la como guia para a vida:

## 5.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULO GÉLIO. *The Attic Nights of Aulus Gellius*. With An English Translation. John C. Rolfe. Cambridge. Cambridge, Mass., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd. 1927.

DINUCCI, Manual de Estoicismo: *A visão estoica do mundo*. Campinas, SP: Editora Auster, 2023.

\_\_\_\_\_. *Apresentação e Tradução dos Fragmentos Menores de Caio Musônio Rufo*. Marília: Transformação, 2012. v. 35, n. 3.

\_\_\_\_\_. Epicteto: *Seis Diatribes Teológicas*, em *Anais de Filosofia Clássica*, vol. VIII nº 16, 2014.

DIOGENES L. *Lives of eminent philosophers*. Trad.by R. D. Hicks. Harvard: Loeb Classical Library, 1972.

<sup>95</sup> Plutarco, *De Stoic. rep.* p. 1056d. (*SVF* II, 935).

- EPICTETUS, *Discourses*. Volume, II. Translation by R. D. HARD, Oxford Worlds Classics: 2014.
- HAGER, Paul. *Chrysippus' Theory of Pneuma*. Prudentia 14 (1982), 97–108.
- INWOOD, Brad, DONINI, Pierluigi, *Oikeiosis and primary impulse*, In, The Cambridge History of Hellenistic Philosophy: Cambridge University Press 1999.
- KIDD, I.G. Posidonius: *The tradution of the fragments*. Vol. II. Cambridge: Cambridge, 1972.
- LÉVY, C. *Sénèque et la circularité du temps*. In: Bakhouché, B. (Ed.). L'ancienneté chez les Anciens. Montpellier: Univ. Paul-Valéry Montpellier III, 2003, t. 2, p.491-511.
- LONG, A. A. *Soul and Body in Stoicism: Phronesis*, Vol. 27, No. 1, 1982.
- LONG & SEDLEY. *Hellenistic Philosophers*, vol I. Cambridge: Cambridge University Press, 1987a.
- \_\_\_\_\_. *Hellenistic Philosophers*, vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1987a.
- MARCO AURELIO, *Meditações*. Tradução de Thainara Castro. – Brasília: Editora Kiron, 2011.
- RADICE, Roberto. *Stoici antichi: tutti i frammenti raccolti da Hans von Arnim*. Milano: Bompiani Il Pensiero Occidentale, 2002.
- SÊNECA, *Consolação a Márcia*, Tradução de Monica Seincman. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., X, 1, 156-181. Ano X, n. 1, 2007.
- \_\_\_\_\_, *Consolação a Políbio*, Tradução de Matheus Trevizam e Ana Araújo Grossi Ribeiro. Belo Horizonte: FALE/UFMG 2007.
- \_\_\_\_\_, *Da Vida Feliz*. Tradução de João Carlos Cabral Mendonça. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Breves Encontros).
- \_\_\_\_\_, *Epistulae Morales*. XC, in LOVEJOY, Arthur O., BOAS, George, Contributions to the History of Primitivism: *Pimitivism and Related Ideas in Antiquity*, Octagon Books: New York, 1973.
- \_\_\_\_\_, *Epistulae Morales*, Books I- LXV. Translated by R. M. Gummere. The Loeb Classical Library: London, 1979.
- \_\_\_\_\_, *Epistulae Morales*, Books LXVI-XCII. Translated by R. M. Gummere. The Loeb Classical Library: London, 1970.
- \_\_\_\_\_, *Questions Naturelles*. Vols. 1–2, ed. P. Oltramare, 1929.